

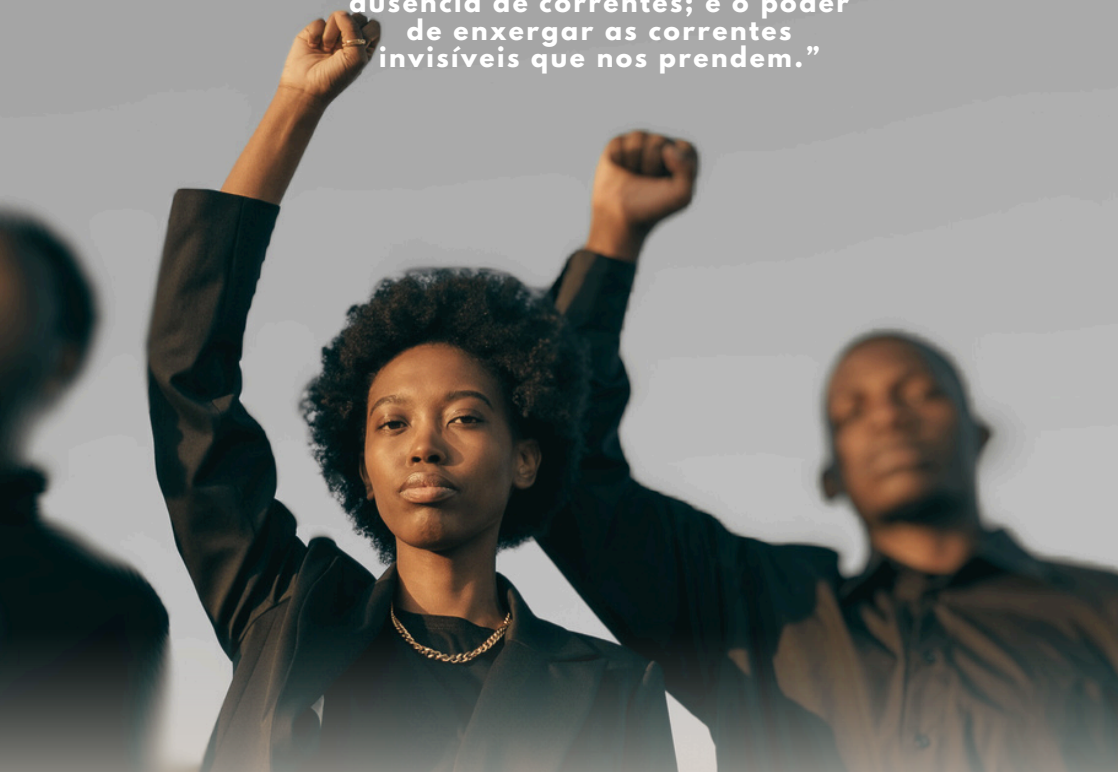
UM LIVRO DE PEDRO
KIATECUA



A COREOGRAFIA DA

MATRIX

“A verdadeira liberdade não é a
ausência de correntes; é o poder
de enxergar as correntes
invisíveis que nos prendem.”





A COREOGRAFIA DA MATRIX

PEDRO KIATECUA

DEZEMBRO DE 2024
EDIÇÃO ANGOLA EBOOK
LUANDA, TALATONA



A Coreografia da Matrix

© 2024 Pedro Kiatecua

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do autor e da editora.

Este livro é protegido pela Lei de Direitos Autorais, sendo permitida apenas a sua utilização pessoal e não comercial. Qualquer uso não autorizado, incluindo a reprodução total ou parcial deste conteúdo, é estritamente proibido e sujeito às penalidades legais.

Título: A Coreografia da Matrix

Autor: Pedro Kiatecua

Editora: Angola E-Book

Primeira Edição: Dezembro de 2024

Este é um trabalho original. A editora e o autor declaram que todas as informações apresentadas neste livro refletem suas próprias ideias e intenções, sem qualquer infração aos direitos de terceiros.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a mim mesmo, com o desejo profundo de que a busca pelo conhecimento nunca se esgote e que meu olhar crítico sobre o mundo continue a se intensificar. Que minha jornada seja repleta de sucesso e significado.

Aos jovens que leem estas páginas, espero que encontrem aqui um impulso para refletir sobre seu verdadeiro propósito de vida. Que cada palavra inspire uma busca genuína por aquilo que realmente importa.

PREFÁCIO

A motivação para escrever *A Coreografia da Matrix* nasceu de um sentimento profundo que venho observando ao meu redor: estar em meio a pessoas extremamente diferentes, mas que, curiosamente, parecem compartilhar os mesmos pensamentos e objetivos. Ao longo do tempo, percebi que a definição de felicidade e sucesso se tornava uma repetição, como se todos estivéssemos dançando ao som da mesma música, sem perceber que cada um de nós poderia compor sua própria melodia. Quando compartilhei meu sonho e objetivos, tão distintos dos de muitos, fui confrontado com ceticismo. Para alguns, aquilo que eu almejava era impossível, e suas palavras soavam como um chamado para "acordar para a realidade". Essa reação me fez refletir sobre a nossa imaginação e, mais importante, sobre a nossa liberdade.

A sensação de viver em um mundo predeterminado, onde os sonhos e aspirações são uniformes, me incomodou profundamente. Este fenômeno se tornou ainda mais evidente na faculdade, onde encontrei estudantes de origens diversas, mas com objetivos similares. Um ou dois ousavam ser diferentes, mas, no final, muitos

acabavam se conformando a um mesmo padrão. Essa uniformidade nas aspirações me motivou imensamente a escrever este livro.

Dedico *A Coreografia da Matrix* especialmente a mim, porque é a minha experiência e a minha visão que aqui se encontram. Acredito que se todos nós compartilhássemos nossas histórias, nossas vivências, poderíamos ajudar muitas pessoas que enfrentam as mesmas dificuldades, que não têm direção ou orientação. Ao registrar nossas experiências, deixamos um legado; uma luz que pode guiar outros que se encontram em situações semelhantes. Acredito que a escrita é uma poderosa forma de transformação e que as palavras têm o poder de libertar. Por isso, convido você a embarcar nesta jornada comigo, na busca por compreender a coreografia invisível que nos cerca e como podemos, juntos, encontrar nosso próprio ritmo.

"A verdadeira competição, aquela que traz crescimento e realização, não é apenas sobre vencer os outros. É sobre vencer a si mesmo."

— Pedro Kiatecua, *O Homem Nasceu Para Competir*

SUMÁRIO

- 1. introdução**
- 2. o padrão invisível: quem define nossos sonhos**
- 3. a programação social: o ciclo do conformismo**
- 4. o mito da estabilidade: a prisão do emprego formal**
- 5. a educação como mecanismo de controle**
- 6. a ilusão de escolha: estamos realmente livres?**
- 7. sonhos pré-programados: aspirações de uma geração controlada**
- 8. despertar do sistema: como quebrar a matrix**
- 9. o papel da tecnologia e das redes sociais na manutenção da matrix**

- 10. mentalidade de inferioridade:
superando o medo de não ter**
- 11. o poder da autenticidade:
resistindo à pressão de ser como os
outros**
- 12. política e capitalismo — o
poder por trás do controle**
- 13. fé e religião — entre a liberdade
e o controle**
- 14. Ninguém se importa, use ao seu**
- 15. o poder do alter ego —
construindo uma identidade de força**
- 16. comunicação, a chave para
conectar e influenciar pessoas**
- 17. conclusão: seja uma falha do
sistema**
- 18. chamada para ação**
- 19. ápendice e glossário e sobre o
autor**

INTRODUÇÃO

O título deste livro, *A Coreografia da Matrix*, não é uma escolha arbitrária. Ao nomeá-lo assim, capturei o espírito daquilo que move, de maneira silenciosa e oculta, a vida de uma geração. Assim como uma coreografia, a Matrix em que vivemos parece seguir passos ensaiados e direções já determinadas. Contudo, diferente de uma dança visível, essa "coreografia" é como um roteiro que não se faz ouvir – apenas se faz sentir. É uma dança invisível, uma sequência de movimentos que nos conduz sem que percebamos.

Neste livro, a “Matrix” representa o sistema que controla sonhos, escolhas e a própria maneira como enxergamos o mundo e a nós mesmos. Ela é o conjunto de padrões, convenções e expectativas que guiam os passos de uma juventude. No entanto, essa Matrix é sutil, dificilmente percebida em sua totalidade; ela age nos bastidores, moldando valores e ideais que muitos tomam como verdades universais e absolutas. Como uma rede invisível, ela determina o que é visto como sucesso, segurança e até mesmo felicidade. É uma realidade que, mesmo sem grades visíveis, aprisiona a mente e as ambições de uma geração.

O autor deste livro, eu Pedro Kiatecua, ainda busco compreender a fundo essa Matrix. Esta obra nasce de um desejo de desvendar o que há por trás dessa coreografia

silenciosa, questionando o que define os passos da juventude, especialmente no contexto angolano. escrevo este livro como uma tentativa de entender, ele mesmo, o que já enxerguei sobre essa realidade controlada e o que ainda lhe resta descobrir. Minha intenção é registrar tudo o que se pôde observar, tudo o que já se compreendeu, sabendo que, mesmo assim, ainda há um longo caminho para entender completamente a complexidade da Matrix.

O leitor é convidado a caminhar lado a lado comigo nessa investigação, descobrindo como as aspirações da juventude muitas vezes são programadas para seguir padrões pré-determinados, como escolhas são oferecidas mas limitadas, e como a liberdade pode ser, muitas vezes, uma ilusão cuidadosamente mantida. Com isso, Pedro convida a juventude a refletir, questionar e, quem sabe, iniciar seu próprio processo de despertar.

Esta não é uma análise definitiva; ao contrário, é uma reflexão em andamento. É um ponto de partida para aqueles que, como eu Pedro, sentem que algo falta, que algo não se encaixa na dança que seguem. É um convite a enxergar para além da coreografia invisível e questionar cada passo, com a esperança de um dia encontrar a liberdade de criar a própria dança, livre de influências e padrões impostos.

O título deste livro, *A Coreografia da Matrix*, reflete mais do que uma realidade oculta. Assim como no filme *Matrix*, vivemos numa trama invisível que molda nossa percepção e direciona nossos passos sem que notemos. No filme, somos apresentados a um mundo em que a realidade é uma simulação, um ambiente virtual criado para manter as pessoas presas, inconscientes de sua verdadeira condição. Neo, o protagonista, descobre essa “Matrix” e enfrenta o dilema entre viver confortavelmente na ilusão ou despertar para a difícil verdade.

Assim como Neo, que questiona o que é real e busca escapar da manipulação, nós também somos desafiados a enxergar para além das aparências em nossa própria Matrix – a nossa realidade cotidiana, em que seguimos uma coreografia silenciosa e invisível. Só que, ao contrário dos personagens do filme, a nossa "Matrix" não é feita de máquinas ou de um programa de computador. Ela é feita de padrões sociais, culturais e econômicos que moldam as nossas escolhas e nos fazem seguir caminhos predefinidos.

Aqui, em vez de batalhas físicas contra agentes e máquinas, a luta é interna. A minha busca é entender como essa Matrix se manifesta na vida dos jovens, especialmente na juventude angolana, e como ela determina as aspirações, os sonhos e até mesmo o que

significa “ter sucesso” ou “ser feliz”. A questão que tento responder é se realmente somos livres para escolher, ou se nossa liberdade é apenas uma ilusão habilmente orquestrada por forças que nem percebemos.

Ao longo deste livro, compartilho tudo o que consegui observar até agora, com a intenção de decifrar essa coreografia invisível e, talvez, convidar outros a fazerem o mesmo. Assim como no filme, aqui o propósito é abrir nossos olhos para ver a verdade por trás das aparências e, quem sabe, escapar da coreografia da Matrix para encontrar uma liberdade autêntica e consciente.

Quero que fique claro desde já: *A Coreografia da Matrix* não é um livro para os curiosos. Este é um livro para aqueles que sabem que a vida é uma aventura e que ninguém sairá dela vivo. Para aqueles que sentem, lá no fundo, que existe algo mais do que aquilo que nos é mostrado todos os dias. Se você já olhou ao redor e questionou se existe algo além dos padrões que seguimos, este livro é para você.

Agora, antes de seguirmos, é importante entender o que é a Matrix. Pense em uma grande peça de teatro onde todos os papéis já foram escritos, os cenários construídos, e as falas decididas – só que os atores, nós, não sabemos que tudo foi programado. Vivemos, dia após dia, seguindo os mesmos passos, quase como em uma dança invisível,

sem perceber que nossas escolhas e nossos sonhos já foram direcionados. É uma realidade que parece ser nossa, mas que na verdade foi moldada para nos manter ocupados e sob controle.

Neste livro, quero que você veja além das aparências, que questione cada passo, cada expectativa que foi imposta sobre você. Não tenho todas as respostas, mas o que compartilho aqui é o que consegui descobrir até agora, uma tentativa de enxergar a verdade além da rotina e dos objetivos prontos. Se você está preparado para essa aventura, então siga comigo.

Uma frase bíblica que fala sobre sermos livres mentalmente é:

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

(João 8:32)

Esse versículo me diz que a verdadeira liberdade vem do conhecimento da verdade, especialmente uma verdade que traz luz e clareza para a mente e o espírito. Ele nos encoraja a buscar conhecimento e entendimento para nos libertarmos de influências que podem limitar ou distorcer nossa visão.

O PADRÃO INVISÍVEL: QUEM DEFINE NOSSOS SONHOS

Vivemos em um ciclo silencioso, uma coreografia de aspirações onde muitos dos nossos sonhos não são, de fato, nossos. Crescemos ouvindo que o sucesso tem uma fórmula, uma estrada já pavimentada, e que qualquer desvio dela nos levará a um fracasso certo. O que não percebemos é que esses sonhos, essas aspirações, foram moldados muito antes de termos a chance de escolher. E, muitas vezes, são fruto das expectativas e das experiências da geração anterior, que carrega consigo um modelo de vida em que acreditava.

Para os nossos pais, que viveram em um tempo onde as oportunidades eram escassas e os caminhos pareciam claros e limitados, havia uma segurança em seguir o que era certo e conhecido. Esse desejo de estabilidade e aceitação social foi passado a nós como um valor. Eles acham que, se funcionou para eles, funcionará também para nós. Mas o que acontece quando a sociedade e as suas demandas mudam, quando os sonhos do passado já não são os sonhos que se encaixam em nosso presente?

Muitas vezes, nossos pais enxergam as suas experiências como uma espécie de “manual de vida”. Acreditam que, se escolhermos os mesmos caminhos,

alcançaremos a segurança que eles tiveram ou talvez até mais. E, assim, de maneira inconsciente, somos encorajados a aspirar as mesmas coisas, buscar a mesma estabilidade, e temer os mesmos riscos. Mas e nós? Onde fica a nossa essência, a nossa capacidade de imaginar o novo? Quem somos nós além dessas expectativas?

No entanto, o peso das expectativas sociais não se resume apenas ao que nossos pais viveram. É também resultado do sistema ao nosso redor – a cultura popular, as normas que sutilmente dizem o que devemos valorizar, e as pressões para sermos “bem-sucedidos” de uma forma que o mundo reconheça. A sociedade, com suas regras e padrões invisíveis, muitas vezes age como uma coreógrafa invisível, direcionando nossos passos de acordo com o ritmo que ela própria criou. Assim, o conceito de sucesso, de felicidade e de realização pessoal que construímos é muitas vezes uma repetição dos valores que nos foram ensinados, sem que nos perguntemos de onde vieram ou se fazem sentido para nós.

A pergunta que surge é: quantos de nossos sonhos são genuinamente nossos? Até que ponto somos capazes de discernir entre o que desejamos e o que nos foi dito que deveríamos desejar? E, mais importante, como podemos, em meio a essa dança silenciosa, escutar a nossa própria

música e permitir que nossos passos sejam guiados por aquilo que verdadeiramente ressoa em nós?

Este capítulo é uma tentativa de desvendar o padrão invisível que molda nossos sonhos e as nossas escolhas, de olhar além das expectativas herdadas e de buscar, mesmo em um sistema que nos diz o contrário, a coragem de definir nossa própria trajetória.

No caso da juventude angolana, há valores e tradições profundamente enraizados, que muitas vezes nos incentivam a seguir um caminho pré-definido: estudar, conseguir um emprego estável, alcançar um certo nível de conforto e respeitabilidade. Esses valores, enquanto seguros para quem busca a estabilidade, nem sempre nos permitem explorar outros sonhos, outras possibilidades. Essa repetição, esse caminho que parece seguro e estável, influencia não só o que acreditamos que devemos alcançar, mas até mesmo o que ousamos sonhar.

E o que dizer dos hábitos e dos costumes que consumimos em nossa sociedade? Se estamos constantemente cercados por uma cultura que valoriza mais o material do que o pessoal, que glorifica a estabilidade acima da inovação, acabamos por acreditar que essas são as únicas opções reais. Se nossos modelos de sucesso são figuras que seguiram o mesmo percurso —

estudo, emprego, segurança financeira —, isso passa a se tornar o objetivo esperado para todos nós.

Ainda, nas redes sociais, somos bombardeados com imagens de sucesso e felicidade que seguem um padrão bem específico. Vemos as pessoas se vangloriando de conquistas materiais, relacionamentos perfeitos e vidas sem falhas. A nossa cultura digital reforça essa ideia de que o valor de uma pessoa está nas coisas que ela possui ou no status que ostenta. Assim, começamos a ajustar nossos sonhos para se alinhar com essas expectativas, sem parar para questionar se esses objetivos realmente fazem sentido para nós.

A sociedade impõe o que considera importante, e nós absorvemos isso, ainda que de forma inconsciente. A cultura ao nosso redor não apenas nos dá valores e tradições; ela molda o que consideramos possível e desejável. Muitas vezes, os sonhos que acreditamos serem nossos não passam de reflexos daquilo que a sociedade valoriza e promove. E, enquanto continuamos nessa coreografia invisível, vamos nos distanciando cada vez mais da nossa verdadeira essência, dançando ao som de uma música que não escolhemos, mas que se tornou a trilha sonora das nossas vidas.

Ao fim deste capítulo, uma pergunta permanece: somos realmente livres para sonhar ou estamos apenas

seguindo os ecos dos sonhos de outras gerações, da sociedade e da cultura que nos cerca? Essa reflexão nos leva a perceber que, por mais que aspiremos a uma vida autêntica e individual, muitas vezes, estamos presos a uma visão limitada do que é possível.

A sociedade e a cultura têm o poder de moldar nossas aspirações, de definir para onde apontamos nossos esforços e onde buscamos nossa felicidade. São forças sutis, que se apresentam como "normalidade" e "tradição", mas que, em muitos casos, nos privam de explorar caminhos além do previsível. Ao sermos levados por essa corrente, corremos o risco de sacrificar a nossa essência, de sufocar aquela voz interior que pede para que sejamos mais, para que sejamos nós mesmos.

A verdadeira liberdade de sonhar exige consciência. Para que nossos sonhos sejam realmente nossos, precisamos aprender a questionar: o que eu realmente desejo? Onde, em meio a tantos ruídos, está a minha própria voz? Ao tomar essa consciência, podemos quebrar esse padrão invisível e dar início a uma nova dança, onde os passos são definidos por nós mesmos. A Matrix cultural e social não precisa ser o roteiro final; ela pode ser apenas um pano de fundo para os sonhos de quem ousa ir além.

A PROGRAMAÇÃO SOCIAL: O CICLO DO CONFORMISMO

Desde o momento em que começamos a entender o mundo, somos moldados por uma série de normas e expectativas sociais. Aprendemos o que é "correto", o que é "esperado" e o que é "aceitável". Esse processo de educação, que acontece em casa, na escola, nas amizades e em cada espaço social que ocupamos, muitas vezes nos leva a seguir um padrão. O problema é que, ao longo desse processo, acabamos nos adaptando a uma mentalidade de conformismo, onde questionar ou sair da linha parece ser um erro. E isso, de forma silenciosa, limita a capacidade dos jovens de pensar e agir por conta própria.

Esse ciclo de conformismo é alimentado por uma programação social que nos faz acreditar que sucesso e felicidade são alcançados apenas por quem segue o caminho "certo". Ao crescer em um ambiente onde o único futuro esperado é ter uma profissão estável, seguir certas regras e alcançar certos marcos, o jovem é encorajado a não explorar alternativas. Ideias novas ou diferentes, pensamentos ousados e objetivos não convencionais começam a parecer arriscados ou até impossíveis. Esse ciclo, repetido geração após geração, faz com que muitos

jovens se sintam forçados a encaixar suas vidas em uma moldura pré-fabricada.

Essa programação social também se manifesta em pequenas atitudes. Desde a escola, onde é raro ver uma ênfase na criatividade ou no pensamento crítico, até a cultura de trabalho, onde o foco está mais em obedecer e seguir ordens do que em questionar e inovar. Somos ensinados a aceitar o que nos é oferecido, como se essa fosse a única realidade possível. Essa programação cria uma espécie de “manual invisível” que nos diz como agir e o que esperar da vida, como se a nossa função fosse apenas seguir um roteiro já escrito, e não explorar as páginas em branco da nossa própria história.

É como se a sociedade quisesse nos proteger das incertezas da vida. E talvez seja realmente essa a intenção. Mas, na prática, o resultado é que muitos jovens sentem que não têm escolha, que qualquer sonho ou ideia que foge ao comum deve ser descartado para seguir o “seguro”. Essa mentalidade do “seguir o que todos seguem” traz uma sensação de conforto e segurança, mas também restringe o que poderíamos descobrir ou criar por conta própria.

O conformismo, assim, se torna uma zona de conforto. As normas sociais que nos cercam, os conselhos de quem nos quer bem, e até mesmo a visão limitada que

adotamos sobre a vida, tudo isso contribui para que, inconscientemente, aceitemos essa realidade sem questionamento. Por mais que o desejo de ser diferente ou fazer algo inovador surja, ele muitas vezes é abafado pelo medo de não corresponder às expectativas. O ciclo do conformismo continua, e vamos nos tornando parte de uma geração que, ao invés de criar novos caminhos, reforça os mesmos antigos.

Este capítulo explora essa programação social, o impacto do conformismo em nossos pensamentos e objetivos. A pergunta é: como podemos romper esse ciclo? É possível pensar fora desse roteiro e descobrir nossa própria trajetória? E será que estamos dispostos a sair da zona de conforto para realmente entender o que queremos, sem medo de desafiar o que nos foi ensinado?

Quando um jovem decide pensar fora da caixa, a reação da sociedade é, na maioria das vezes, de estranhamento e resistência. Aquele que ousa sonhar de forma diferente ou trilhar um caminho que foge do padrão é visto quase como uma ameaça. No fundo, ele incomoda porque expõe, mesmo sem querer, as limitações e o conformismo que todos já aceitaram. Quando se tenta sair desse ciclo, os olhares desconfiados e as críticas surgem como uma forma de impedir essa “rebeldia”. É como se o sistema tivesse criado um mecanismo automático de

defesa contra tudo o que destoia da norma, o que se manifesta, por exemplo, na tentativa de desacreditar e desmotivar o jovem que ousa questionar.

Essa rejeição ao pensamento independente é mais do que uma reação individual. Ela é parte de uma Matrix social que domina o pensamento de todos, mesmo o meu, e influencia até as nossas respostas automáticas às diferenças. Essa Matrix é sutil e invisível, mas profundamente enraizada, e só percebemos sua presença quando começamos a olhar para a realidade com um olhar crítico e atento. A questão é que poucos fazem isso; muitos aceitam o que é imposto sem pensar se é realmente o que desejam.

Eu só consegui perceber isso quando decidi pegar uma caneta e uma lapiseira e anotar todas as pequenas coisas em comum que via ao meu redor. Quando comecei a registrar as aspirações, as respostas e até os medos comuns, foi que percebi o quanto esse padrão está implantado nas mentes. É como se nossos sonhos, vontades e objetivos já viessem programados, como parte de um sistema no qual fomos inseridos sem perceber.

Assim, este capítulo é um convite para olharmos de perto essa Matrix. E, ao observar, percebo que ela se mantém justamente porque se esconde atrás da aceitação coletiva. A crítica, o medo, e o desdém para com quem

ousa pensar diferente são mecanismos dela, e isso só mostra o quanto ela está presente. Só ao percebermos que todos estamos, de alguma forma, dentro desse ciclo, começamos a questionar o que realmente queremos. A verdadeira saída, então, é desenvolver uma visão crítica, questionadora, que nos permita enxergar além do que nos foi dito, e redefinir, com autonomia, o que queremos fazer com a nossa liberdade.

Essas notas que escrevo são, em grande parte, uma tentativa de mostrar o que aprendi ao observar essa realidade. E, com isso, espero que cada leitor também possa ver essa Matrix por si mesmo, desafiando-a para encontrar algo que seja realmente seu.

O MITO DA ESTABILIDADE: A PRISÃO DO EMPREGO FORMAL

Neste capítulo, vamos refletir sobre o mito da estabilidade e o peso do emprego formal como a única rota para segurança e estabilidade. Desde cedo, somos condicionados a acreditar que, para ter uma vida estável e respeitável, é necessário um emprego fixo, um salário regular, de preferência no setor público, e assim seguir até a aposentadoria. Essa ideia, que muitas vezes vem de gerações anteriores, se enraizou a ponto de se tornar um padrão. E, especialmente em Angola, a juventude é

incentivada a percorrer esse caminho sem questionar, como se não houvesse outra saída.

Na nossa realidade, o Estado aparece como a fonte máxima de segurança. Para muitos jovens angolanos, o sonho não é construir algo próprio, mas sim garantir uma vaga na função pública. Esse desejo não é porque os salários sejam altos ou as condições sejam as melhores, mas porque o emprego público ainda carrega a promessa de estabilidade. Muitos jovens investem anos de estudo e dedicação com o único objetivo de conquistar um lugar no Estado, ainda que saibam que as chances são mínimas: concursos com milhares de candidatos competindo por algumas poucas vagas. No entanto, a ideia de que o Estado pode garantir um futuro certo faz com que muitos abandonem outras possibilidades.

Esse apego ao emprego público, por mais seguro que pareça, é também uma forma de prisão. A promessa de estabilidade, de um salário fixo, acaba funcionando como uma armadilha que nos distrai dos nossos sonhos e projetos maiores. Conseguir um emprego se torna o fim em si mesmo, algo que, em vez de abrir portas, muitas vezes as fecha. Ao invés de utilizar esse trabalho como um meio para crescer, muitos se acomodam. Existe o que eu chamo de "espírito de acomodação" — uma postura que faz com

que, ao conseguir o primeiro emprego, as pessoas se sintam seguras e parem de buscar, de arriscar e de sonhar.

Esse conformismo é perigoso. Ao nos acomodarmos, esquecemos que, enquanto estamos presos a um emprego apenas por segurança, o tempo continua a passar, e os sonhos ficam para trás. Como podemos desenvolver nossos próprios projetos, se passamos anos no mesmo lugar, fazendo a mesma coisa? Como podemos evoluir, se nos contentamos em permanecer na zona de conforto? A verdade é que o emprego, que deveria ser apenas uma base, se torna um substituto para nossos verdadeiros objetivos.

Assim, pergunto: até que ponto o emprego público, ou qualquer emprego visto como "estável", vale o preço da nossa liberdade de escolha? Será que estamos trocando nossos sonhos, nossa capacidade de inovar, de criar e de buscar algo diferente, pela sensação temporária de segurança?

Enquanto eu estava sentado numa sala de aula, surgiu em mim uma pergunta que eu nunca tinha feito com tanta profundidade: "Mano, será que a gente realmente passa de 19 a 20 anos estudando, só para ser empregado de alguém ou do Estado? Será que é só isso mesmo?" Esse questionamento veio como um soco no peito, porque, até aquele momento, eu também nunca tinha parado para

pensar na vida com essa visão crítica. Mas, a partir dali, comecei a ver tudo de uma forma diferente, como se tivesse tirado um véu dos olhos. Foi aí que percebi que talvez estivéssemos vivendo numa verdadeira Matrix.

O que chamo de Matrix é esse ciclo de repetição que atravessa gerações. É aquela programação que nos faz acreditar que o emprego formal, especialmente o público, é a única e verdadeira forma de alcançar a tal "segurança" na vida. É como se os nossos pais tivessem seguido esse caminho porque os avós deles também fizeram o mesmo, e os nossos avós, por sua vez, copiaram os bisavós, e assim por diante. No fundo, é uma cadeia que não para. Nós acabamos herdando essa mentalidade porque foi o que nos ensinaram. Só que, no meio de tudo isso, ninguém se pergunta se existe uma alternativa, uma outra possibilidade de viver.

A verdade é que, sem perceber, essa ideia foi passada para nós como se fosse a única realidade. A geração dos nossos pais conseguiu alguma estabilidade, então agora acreditamos que esse é o caminho certo para nós. Mas e se isso não for tudo? E se essa "estabilidade" for só uma das formas de viver, e não a única? Quando nos acomodamos com esse modelo, caímos numa armadilha, onde o que funcionou para eles se torna uma verdade

absoluta para nós e, sem saber, já estamos prontos para passar a mesma ideia para os nossos filhos e netos.

É aqui que a Matrix se revela. É esse sistema que, de forma silenciosa e constante, nos prende em padrões, sem nos dar o espaço para pensar de forma diferente, para questionar, para sonhar fora daquilo que parece seguro. Mas, ao perceber isso, eu senti que precisava quebrar essa corrente. Precisava analisar tudo, entender de onde vinha essa crença, e foi assim que cheguei a este livro. Quero que, ao verem essas palavras, vocês também comecem a olhar ao redor e questionar: será que a vida é só isso? Será que precisamos mesmo seguir os mesmos passos, sem nunca explorar o que está além?

Eu entendi que viver dessa maneira é seguir uma coreografia bem ensaiada, onde a gente já sabe os passos, mas nunca a direção.

A conclusão deste capítulo traz essa imagem perturbadora que, para mim, simboliza perfeitamente a Matrix em que vivemos. É como aquele vídeo que vi nas redes sociais: um rato que acorda todo dia de madrugada, às quatro da manhã, e segue até a estação onde encontra outros ratos, todos se apertando para pegar o Machimbombo (autocarro). Eles viajam duas horas até o trabalho, e, ao chegar lá, ele se senta em frente ao computador, repetindo o mesmo ciclo diariamente, por

quinze anos. Sua vida é reduzida a essa rotina exaustiva, com pequenas pausas no fim de semana, um respiro que só parece suficiente para ele se preparar e repetir tudo na semana seguinte.

Esse exemplo do rato é uma metáfora clara da Matrix. Muitos de nós seguimos essa mesma rotina, pensando que o esforço físico ou a dedicação total são a única chave para o sucesso. Mas, no final, somos como esse rato, presos num ciclo que não nos leva para fora, apenas nos mantém em movimento, sem uma real liberdade.

A verdade é que o esforço físico e o trabalho duro nem sempre trazem a recompensa esperada. O sistema que nos cerca beneficia quem entende como o jogo é jogado, quem consegue pensar fora do ciclo. Essa é a verdadeira essência da Matrix: prender as pessoas na ideia de que o sacrifício constante e a rotina inquebrável são os únicos caminhos para se alcançar uma vida "estável". No entanto, se olharmos com atenção, veremos que quem realmente prospera é aquele que entende que a vida não precisa seguir essa programação. É essa visão que quero deixar com você: a de que há mais para se explorar, mais caminhos para seguir, mas é necessário enxergar a Matrix primeiro para poder escapar dela.

A EDUCAÇÃO COMO MECANISMO DE CONTROLE

Este capítulo analisa a educação como uma ferramenta de controle, revelando como o sistema educacional parece moldar nossas mentes para seguir um padrão específico, limitando a capacidade dos jovens de pensar de maneira livre e inovadora. A educação, no modelo que temos, não incentiva a criação, a descoberta, nem o questionamento. Em vez disso, somos treinados para sermos obedientes, para aceitar o que nos é ensinado sem questionar, sem sair do rumo imposto.

Uma das motivações para escrever este livro vem justamente da observação desse sistema, que em muitos aspectos parece mais focado em manter a juventude dentro de um ciclo controlado do que em prepará-la para pensar fora dos limites. Nas nossas escolas, os conteúdos que aprendemos são os mesmos de sempre, e, pior, não há qualquer conexão com as mudanças e inovações que o mundo de hoje exige. Estudamos teorias, fórmulas, equações e pesquisas de cientistas que viveram em outras épocas, sem entender como essas coisas realmente se aplicam ao mundo que temos agora. Parece mais uma forma de preencher nosso tempo, ocupar a mente, mas

sem dar ferramentas reais para enfrentarmos a vida de forma autêntica e independente.

A verdade é que, se o sistema nos ensinasse a pensar e agir de forma inovadora, estaríamos fora dessa Matrix, pois a inovação exige liberdade de pensamento e crítica. E um sistema que incentiva inovação e liberdade não é um sistema que controla, mas que emancipa. Mas o sistema educacional, do jeito que está, não quer isso. A formação que recebemos parece mais um meio de nos manter dentro de uma zona de conforto, onde seguir o plano estabelecido é a única opção apresentada. Isso cria uma juventude moldada para pensar de forma controlada, para se adaptar ao que já existe, ao invés de questionar ou buscar novas possibilidades.

Essa reflexão é essencial para compreendermos a Matrix em que vivemos. A educação deveria ser o meio que nos liberta, que nos ajuda a enxergar além das imposições, mas, na verdade, acaba sendo um instrumento de controle, mantendo-nos presos a ideais e a um sistema que não necessariamente nos faz crescer ou evoluir como deveríamos.

O sistema educacional do nosso país não apenas ensina, mas também padroniza. Agrupa milhões de jovens, todos com histórias e experiências diferentes, mas acaba por moldá-los a pensar da mesma forma, a acreditar nas

mesmas ideias. A definição de felicidade e sucesso, que deveria ser única para cada um, se torna um conceito homogêneo, um ideal imposto que todos tentam alcançar. Isso gera uma conformidade, onde cada um se sente pressionado a seguir o mesmo caminho, a buscar os mesmos objetivos, independentemente de suas aspirações pessoais.

Essa uniformidade é perigosa. Ela cria uma sociedade onde a criatividade e a individualidade são sacrificadas em nome de um ideal coletivo. Ao invés de encorajar os jovens a explorar suas paixões, desenvolver seus talentos e questionar o status quo, o sistema educacional promove uma visão limitada da vida. As pessoas acabam seguindo o que é considerado "normal", como estudar para passar em um concurso público, ter um emprego estável e sonhar com uma vida convencional. Isso leva a um ciclo vicioso, onde as novas gerações perpetuam as mesmas crenças e limitações que herdaram de seus pais.

A consequência disso é uma juventude que não se sente livre para sonhar grande, para perseguir o que realmente deseja. Todos se tornam parte de uma engrenagem, movendo-se na mesma direção, sem questionar se essa é realmente a direção que desejam seguir. O resultado é uma sociedade que aceita o que lhe é dado, sem buscar novas possibilidades ou alternativas. E,

assim, a Matrix se fortalece, mantendo todos sob controle, sem que muitos se dêem conta disso. É preciso romper com essa lógica, despertar a consciência de que cada um pode e deve buscar sua própria definição de felicidade e sucesso, e isso começa com a educação que nos ensina a pensar criticamente e a agir de forma independente.

Para concluir este capítulo sobre "A Educação como Mecanismo de Controle", é fundamental reconhecer que muitos dos que sustentam essa própria Matrix são os mesmos que consomem o sistema educacional. Nós, como jovens, estamos inseridos nesse ciclo e, sem perceber, podemos nos tornar os pilares que mantêm essa estrutura. É uma coreografia bem ensaiada que nos ensinam a seguir, e muitas vezes nem percebemos que estamos sustentando essa Matrix.

Fomos alimentados com crenças, opiniões políticas e culturais que nos levam a aceitar passivamente as normas estabelecidas. Essa aceitação gera uma conformidade que perpetua a Matrix. Eu me despertei para essa realidade e percebi que, se essa Matrix realmente garantisse um sucesso acadêmico, eu não precisaria ir à faculdade. Estaria em casa, já sabendo o que realmente importa.

Contudo, compreendo que a educação ainda é uma área que precisa ser explorada de maneira mais profunda. Estou aqui para contribuir com a minha parte, trazendo

essa reflexão e convidando outros a questionar, a olhar criticamente para o sistema que nos rodeia. Precisamos ser mais do que consumidores passivos de informações; devemos nos tornar agentes de mudança, desafiando a Matrix e buscando o verdadeiro conhecimento que nos liberte. Somente assim poderemos nos libertar dos grilhões da conformidade e construir um futuro onde a individualidade e a inovação sejam valorizadas.

A ILUSÃO DE ESCOLHA: ESTAMOS REALMENTE LIVRES?

Neste quinto capítulo, “A Ilusão de Escolha: Estamos Realmente Livres?”, vamos explorar se as escolhas que pensamos fazer são, de fato, autênticas ou apenas uma forma de reprodução de alternativas já definidas pelo sistema. Nós, jovens, muitas vezes temos a impressão de que estamos decidindo por conta própria. Mas será que essa liberdade é real? Ou será apenas uma simulação cuidadosamente planejada, uma maneira de nos manter dentro dos limites já impostos, onde qualquer escolha leva sempre ao mesmo destino?

Pense comigo: a sociedade nos apresenta opções que aparentam ser diversas, mas no fundo, elas são quase idênticas. Como se você estivesse escolhendo entre vários caminhos que, na verdade, convergem para o mesmo

ponto. Esse é o truque da Matrix — ela cria um teatro de opções para nos dar uma sensação de autonomia, quando, na realidade, cada escolha já foi desenhada para nos manter presos à estrutura que ela mesma criou.

Um exemplo claro disso é a política. Quando chega o tempo de eleições e o partido dominante percebe uma ameaça ao seu poder, o que ele faz? Ele financia não apenas o seu próprio candidato, mas, em muitos casos, todos os partidos de oposição. Assim, mesmo que o candidato apoiado diretamente por ele perca, outro candidato financiado pelo mesmo sistema acaba ganhando. No final, para eles, não importa quem seja o vencedor, porque todos os caminhos ainda estão sob seu controle. Ou seja, parece que temos várias opções, mas, no fundo, a decisão já está tomada.

Isso nos leva à reflexão: nossas escolhas são mesmo livres ou apenas réplicas de alternativas limitadas que o sistema nos oferece? Questiono isso porque, se pararmos para pensar, o mesmo acontece em várias áreas das nossas vidas. A sociedade nos impõe certos limites, nos dizendo o que é ou não é possível. Por exemplo, quando alguém expressa um sonho fora do comum — “Eu quero ser astronauta!” — a Matrix rapidamente age para impor as “regras da realidade”, dizendo que isso não é viável. Mas

quem disse que nossas escolhas e nossos sonhos precisam ter limites?

A Matrix foi projetada para limitar o alcance dos nossos desejos, para manter nossos objetivos dentro de um padrão que ela considera seguro e previsível. Assim, cada vez que tentamos nos desviar desse caminho, logo surge alguém para nos corrigir, para nos "trazer de volta à realidade". Contudo, não deveria ser assim. Nossas escolhas deveriam ser amplas, livres e, principalmente, autênticas, não limitadas a um roteiro predeterminado.

Portanto, neste capítulo, questiono a natureza das nossas decisões e convido você, leitor, a olhar para o que realmente quer. Talvez, ao observar mais de perto as opções que temos, possamos identificar quando estamos seguindo um caminho imposto e, finalmente, nos libertar dessa coreografia controlada da Matrix.

Imagine que eu chegue até você, leitor, e diga: "Olá, quero ser um astronauta." Qual seria a sua reação de primeira instância? Você me olharia com descrença, talvez soltasse um riso nervoso ou até dissesse que sou maluco, que isso é impossível na nossa realidade. Esse tipo de reação é um reflexo claro de como a Matrix atua sobre nós, moldando o que achamos "normal" e "possível".

Quando alguém apresenta um sonho que foge do padrão, a resposta automática da sociedade é "Acorda para a realidade". Essa reação não é uma coincidência, mas sim uma prova de que ainda estamos presos a essa coreografia, aceitando apenas as escolhas que já nos foram apresentadas como “realistas”. A Matrix criou uma caixa de escolhas onde todas as opções parecem diferentes, mas, na essência, conduzem ao mesmo caminho seguro e previsível. E quando alguém se atreve a sair desse roteiro, a reação imediata é desacreditá-lo, fazê-lo se conformar com os limites já estabelecidos.

É por isso que eu questiono as opções que parecem disponíveis para nós. Será que estamos realmente livres para sonhar e escolher qualquer coisa, ou fomos ensinados a acreditar que a realidade só tem esses poucos caminhos já traçados? Quando alguém ousa desafiar esses limites, o sistema logo intervém, impondo a "realidade" para que tudo permaneça dentro da estrutura controlada.

Então, a pergunta é: quantos dos nossos sonhos são realmente nossos, e quantas das nossas escolhas não passam de repetições de caminhos definidos por outros?

Concluindo este capítulo, a “ilusão de escolha” é justamente isso: as opções que temos já foram pré-selecionadas para que sigamos o mesmo caminho,

apenas com a sensação de liberdade. Este livro não é um manual de como escapar, nem uma prova de que eu, como autor, já conquistei algo além da Matrix. Pelo contrário, é um convite para repensar nossa mentalidade. Quando se adquire uma visão fora da Matrix, uma perspectiva além da caixa, passa-se a ver como o sistema manipula e controla as escolhas de todos nós.

A Matrix garante que todos os caminhos — seja à esquerda, à direita, ao centro, à extrema-esquerda ou à extrema-direita — levem sempre ao mesmo destino. A verdadeira liberdade, então, não está nas opções dadas, mas na forma como interpretamos e agimos sobre elas. Como disse Nietzsche: *“Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não se tornar também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você.”*

Essa é a essência de questionar o sistema: entender que, para que possamos romper com essa ilusão, precisamos primeiro reconhecer o quão fundo estamos imersos nela.

SONHOS PRÉ-PROGRAMADOS: ASPIRAÇÕES DE UMA GERAÇÃO CONTROLADA

Chegamos ao sexto capítulo, e aqui entramos em um ponto central: “Sonhos Pré-Programados – Aspirações de

uma Geração Controlada”. Olhando de perto, percebemos como os objetivos que muitos de nós carregamos são os mesmos, repetidos de geração em geração. Casa, carro, família. Esses elementos tornaram-se os símbolos de sucesso na sociedade, quase como se fossem os únicos caminhos válidos. É uma ideia que está tão enraizada que, quando perguntamos a alguém sobre seus objetivos, quase sempre ouvimos respostas semelhantes.

Mas será que são realmente nossos desejos? Ou são aspirações fabricadas, passadas de uma geração para outra como se não houvesse outras alternativas? A sociedade nos ensinou que quem escolhe seus próprios sonhos, quem ousa fugir do padrão, abre mão da segurança que esse roteiro pré-estabelecido promete. Então, nos limitamos. Quem persegue o que quer, dizem, vive em risco, sem garantias, enquanto quem segue o “plano seguro” — casa, carro, família — é considerado bem-sucedido.

Eu não digo que esses objetivos sejam errados. Não é isso. Conseguir estabilidade é algo louvável, sim, e quem alcança esses marcos realmente pode se considerar bem-sucedido em termos sociais. Mas, a partir do momento em que esses objetivos tornam-se uma prisão que sufoca outros sonhos, aí começa o problema. Nem todos queremos ou precisamos seguir o mesmo trajeto. Mas por

que, então, aqueles que escolhem outros caminhos são vistos como fracassados? Apenas por não seguirem o molde?

A verdade é que muitos jovens, mesmo sem perceber, sentem que fracassaram, porque, para eles, alcançar esse roteiro de vida parece impossível. Eles desanimam, convencidos de que o sucesso só existe dentro dessa trajetória específica. E, sim, é verdade: seguir nossos próprios desejos traz riscos, e talvez muitos dos que desistem o fazem porque não estão preparados para enfrentá-los. Mas se você não investir em algo que realmente o motiva, o que vai colher?

Como eu vejo, é preferível investir em riscos que trazem propósito e autenticidade, do que em resultados que apenas reproduzem o que a sociedade já espera de você.

A verdade é que o sucesso pode ser encontrado em múltiplos caminhos, mas fomos convencidos de que há apenas um roteiro seguro a seguir, uma estrada mais confiável para alcançar a estabilidade e a realização. Não é que eu esteja aqui para criticar quem opta por esse caminho tradicional — mas, sim, é isso mesmo que quero dizer. Quando 99% da nossa população escolhe o mesmo destino, isso já é a essência da Matrix em ação. É uma “coreografia” programada onde, apesar da diversidade dos

jovens, todos acabam perseguindo as mesmas metas. E, inevitavelmente, isso leva a um sufocamento de oportunidades em um espaço que se torna cada vez mais competitivo e saturado.

Se olharmos para a nossa realidade, vemos que o sistema, de certa forma, fomenta essa corrida em uma única direção. Antigamente, o caminho que nossos pais trilharam era mais desimpedido — o sucesso era um objetivo possível e direto. Hoje, porém, com todos se amontoando nos mesmos campos, é evidente que essa rota está superlotada e com barreiras muito mais altas. E, ainda assim, muitos de nós persistimos em seguir essa trajetória como se ela fosse a única viável, esquecendo que os tempos mudaram.

A sociedade precisa urgentemente de alternativas. Precisamos de criatividade, de imaginação, de empreendedorismo, de inovação. A diversidade de sonhos e ambições não é só importante, é essencial. Mas isso não é incentivado, e muitos jovens acabam deixando de lado ideias e aspirações próprias para seguir esse padrão, acreditando que, fora dele, não há segurança.

No meu caso, eu sei que esse padrão não é meu destino. Minha mentalidade está evoluindo, já não pertence à Matrix, mesmo que, de certa forma, eu ainda esteja dentro dela. Eu escrevo meus livros, observo e reflito

sobre o sistema, e estou em uma jornada de autoentendimento que me leva a explorar outras possibilidades. Estar dentro da Matrix não significa ser parte dela. Às vezes, é justamente estando no meio dela que entendemos sua estrutura e enxergamos caminhos diferentes.

Se conseguirmos abrir novos horizontes e traçar rotas diferentes, teremos uma distribuição melhor de talentos e ideias. A Matrix, afinal, quer que sigamos o padrão para sufocar essas possibilidades. Mas, quando percebemos que nossos sonhos são muito mais do que o roteiro imposto, encontramos a verdadeira liberdade para inovar e viver com autenticidade.

Concluo este capítulo com uma mensagem clara: não sigam caminhos pré-programados. As nossas aspirações, nossa vontade de criar e inovar, não podem ser limitadas ou controladas. Estamos em um século que avança em uma velocidade absurda de inovação tecnológica, onde muitas das tarefas que hoje ocupam nossas mãos e mentes serão, em poucos anos, automatizadas e dominadas pelas máquinas. Se não mudarmos nossa mentalidade, se não tivermos consciência e adaptabilidade, arriscamo-nos a nos tornar meros escravos desse sistema.

Assim, faço um apelo sincero aos jovens, a cada um que se identifica com essas palavras, e, acima de tudo, a mim mesmo. Não escrevo este livro como alguém que já venceu a Matrix, mas como alguém que a observa, que tenta entender seus padrões e desvendar suas limitações. Acredito que, ao compartilhar minhas ideias, posso contribuir para que mais jovens percebam suas próprias capacidades e pensem de forma independente, fora dessa engrenagem.

Porque, no fim, embora o objetivo de todo escritor seja alcançar e tocar o leitor, a maior satisfação é plantar uma ideia que floresça em direção a novos horizontes. Estejamos preparados, pois tempos difíceis moldam homens fortes; homens fortes criam tempos fáceis; tempos fáceis formam homens fracos; e homens fracos geram tempos difíceis. Em que ponto estamos? No ciclo dos homens fracos, prestes a enfrentar tempos difíceis, ou dos jovens fortes, prontos para construir um futuro mais livre?

Para encerrar, deixo com vocês uma frase de Friedrich Nietzsche que traduz bem este nosso momento: *“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam ouvir a música.”*

DESPERTAR DO SISTEMA: COMO QUEBRAR A MATRIX

No sétimo capítulo, "Despertar do Sistema: Como Quebrar a Matrix", mergulhamos na importância de nos libertarmos da mentalidade conformista que limita o nosso crescimento. No contexto atual, uma mentalidade conformista afeta cerca de 80% a 90% dos angolanos, impedindo que muitos enxerguem além do que foi preestabelecido. Esse tipo de mentalidade é um bloqueio invisível, uma barreira mental que restringe nossos sonhos e ambições a um padrão seguro, porém limitado. Mas o verdadeiro crescimento exige mais que apenas seguir as regras impostas: exige uma quebra dessa Matrix que bloqueia o potencial e a liberdade de escolha.

Quebrar a Matrix é mais que uma ideia; é um processo de questionamento constante, uma decisão de desafiar a norma, de enxergar possibilidades onde a maioria só vê limitações. A história está cheia de figuras que mudaram a forma como as gerações enxergavam o mundo, que desafiaram o “normal” e criaram um novo caminho. E, para nós, jovens, ter essa mesma mentalidade é essencial para evoluirmos como sociedade e como indivíduos. Quando ousamos pensar fora dos limites, conseguimos romper

com o que nos é imposto, começamos a abrir caminho para uma realidade onde o crescimento é constante, e as possibilidades, infinitas.

Um exemplo inspirador desse rompimento com a Matrix é Elon Musk e sua empresa SpaceX. Ele é alguém que ousou desafiar o status quo e sonhou com o impossível: tornar a exploração espacial acessível e sustentável. Quando fundou a SpaceX, muitos o chamaram de louco por acreditar que uma empresa privada conseguiria desenvolver foguetes reutilizáveis, numa indústria em que o governo era quem ditava as regras. Mas, ao romper com as limitações e ignorar o conformismo, Musk abriu uma nova era para a exploração espacial. Ele mostrou ao mundo que, com determinação e uma visão única, podemos alcançar o impossível.

Quebrar a Matrix significa exatamente isso: não aceitar que o impossível seja uma sentença definitiva, e sim um convite para desafiar o que limita nossos sonhos. Se nós, jovens angolanos, absorvermos esse tipo de mentalidade, seremos capazes de moldar nosso próprio futuro, abrir novas portas e explorar novos caminhos para o sucesso.

Quebrar a Matrix não significa apenas grandes revoluções ou conquistas. Pelo contrário, muitas vezes a Matrix é rompida nos pequenos detalhes do cotidiano,

naqueles costumes que seguimos sem questionar, no que é imposto e aceito simplesmente porque “sempre foi assim”. Pequenas mudanças de visão e ação, quando feitas por cada um de nós, podem gerar grandes impactos. Talvez nunca tenhamos visto um desempenho melhor em certas áreas porque nos acostumamos a aceitar o padrão estabelecido; não paramos para questionar se aquilo poderia ser diferente ou mais eficiente. Quando um jovem começa a notar e a questionar esses detalhes, ele já está contribuindo para romper com a Matrix, e pequenas inovações podem se transformar em grandes transformações ao longo do tempo.

Essas mudanças no cotidiano podem, aos poucos, abrir portas para um futuro mais livre e criativo. A Matrix é uma estrutura que limita não só os nossos sonhos, mas também nossa capacidade de ação, restringindo-nos a opções pré-formatadas, a uma zona de conforto onde poucos questionam e, assim, a roda gira sem muita inovação. Mas, quando um jovem se atreve a pensar além, a fazer algo diferente, ele não está apenas criando para si mesmo; ele está abrindo espaço para que outros também possam pensar e agir fora do padrão. Cada um que se empenha em ver as coisas de outra forma contribui para a construção de um ambiente mais dinâmico e livre de amarras, com mais oportunidades para todos.

A maioria dos jovens angolanos, porém, ainda se encontra presa a uma visão de média. Na média, o jovem angolano espera um emprego do Estado, vê o diploma como única saída para um futuro estável, e acredita que o sucesso depende de esperar pelas oportunidades certas. Na média, o jovem não ousa empreender, não falha porque nem ao menos tenta, e assim seguimos com a mentalidade de dependência.

Mas, e se começássemos a ver as falhas e os riscos como parte do processo? Quebrar empresas, falir pequenos empreendimentos, para muitos, poderia parecer fracasso, mas na verdade esses fracassos são os sinais de que os jovens estão tentando, estão inovando, estão empreendendo e criando algo novo. A verdadeira falência não está em perder um negócio; está em jamais tentar, em nunca sair do lugar por medo do erro.

Despertar da coreografia da Matrix exige primeiro entender como ela opera. Imaginemos a Matrix como uma dança coletiva: todos seguimos os passos dessa coreografia, cada um com seu próprio ritmo, mas sempre acompanhando a mesma música. Não importa a diferença no compasso, no fim, estamos todos presos a uma melodia predeterminada. E, para sair dela, é essencial que primeiro compreendamos seus passos, reconhecendo como nos tornamos parte dessa dança sem nunca

questionar se poderíamos escolher um outro ritmo, uma outra música.

Escrever este livro foi para mim um exercício de introspecção e observação; precisei ir até o fundo da Matrix, observar como ela se mantém viva e entender onde somos nós mesmos que a sustentamos. Não busco, ao longo destas páginas, destruir a Matrix por completo, mas mostrar que a ruptura começa dentro de cada um de nós, ao mudar a própria mentalidade. Essa é a primeira quebra, a mudança de perspectiva pessoal que, de pessoa em pessoa, pode transformar o que parecia inabalável.

Quando falamos de "quebrar a Matrix", não estamos tratando de uma revolução externa, mas de uma transformação íntima. A Matrix vive na nossa mente, alimentada por crenças, valores, e princípios que absorvemos ao longo da vida, sem muitas vezes percebermos. Ela é mantida pelo medo de questionar, de ser diferente, de desafiar as ideias herdadas. Assim, quando alguém ousa discordar ou propor uma visão nova, a reação imediata é a rejeição, chamando-o de louco, perdido, ou estranho. Aprendemos a ver a diferença como ameaça, porque fomos ensinados a acreditar que o caminho certo é um só, aquele que nos foi apresentado desde cedo.

A Matrix é reforçada pela nossa própria resistência a mudanças, a aceitar novas possibilidades. Por isso, a verdadeira quebra está em permitir a nós mesmos a liberdade de pensar, sentir e agir fora da coreografia estabelecida.

Quando você começa a ouvir uma melodia diferente — uma verdade que talvez só você perceba — muitos ao seu redor não entenderão. É a coragem de seguir sua própria música, mesmo sendo incompreendido, que define a verdadeira liberdade de pensamento.

O PAPEL DA TECNOLOGIA E DAS REDES SOCIAIS NA MANUTENÇÃO DA MATRIX

Chegamos ao oitavo capítulo, onde exploramos o *papel da tecnologia e das redes sociais na manutenção da Matrix*. Nesta era digital, observamos o impacto profundo das redes sociais sobre a vida, os sonhos e as aspirações dos jovens, que, muitas vezes, são moldados e limitados pelas imposições desse universo. Aqui, mais do que nunca, a Matrix encontra uma ferramenta poderosa para continuar operando sem ser questionada.

A tecnologia, em especial as redes sociais, projeta um mundo ilusório, onde tudo parece perfeito e idealizado. As pessoas publicam apenas os momentos bons, os sucessos, as conquistas. Ninguém mostra o lado difícil, as

falhas, os erros, as incertezas. Esse filtro constante cria uma realidade distorcida, e os jovens que se conectam a ela começam a acreditar que a felicidade e o sucesso são exatamente como as postagens mostram. É aí que a Matrix se fortalece, porque faz com que as pessoas passem a medir suas vidas e seu valor com base em padrões irreais, construídos para alimentar o consumo e a comparação.

Ao invés de buscar a autenticidade, o jovem moderno acaba buscando se encaixar num ideal, num "eu" construído para agradar e impressionar. Nas redes, a vida passa a ser sobre o que pode ser exibido, não sobre o que se é de fato. Queremos mostrar que temos o último modelo de celular, que estamos nos melhores lugares, que temos os amigos mais legais, que estamos sempre felizes e bem-sucedidos. Essa busca constante por validação e aprovação transforma a identidade em algo condicionado ao olhar alheio.

O problema é que esse processo rouba a individualidade e faz com que os jovens se transformem em uma massa que pensa, age e sente da mesma forma, repetindo comportamentos. A Matrix aproveita cada like, cada comentário e cada compartilhamento para continuar a coreografia. Afinal, quando todos pensam igual, quem ousa questionar? Quem ousa romper?

Hoje, a Internet funciona como um espelho que distorce nossa percepção sobre nós mesmos, gerando inseguranças e criando uma necessidade artificial de ser como os outros, de viver para o próximo post, para a próxima aprovação digital. A Matrix, com sua estrutura invisível, se fortalece em cada jovem que deixa de lado seu potencial e seu propósito para agradar uma audiência que, no fundo, também se sente perdida.

Quando percebemos que estamos presos a essa dança das redes sociais, que molda até o que pensamos sobre nós mesmos, é necessário dar um passo atrás e refletir: para quem estamos vivendo? De quem é o sonho que estamos perseguindo? Porque, se a cada conquista ainda sentimos que falta algo, talvez seja porque estamos vivendo uma vida que não é a nossa.

Ao tomar consciência desse processo, a tecnologia pode ser reapropriada de uma maneira que nos liberte ao invés de nos prender. Podemos usar as redes sociais como ferramentas de expressão genuína, de criação e de conexão com o que realmente importa. Entender o jogo é o primeiro passo para sair dele.

Este capítulo não é uma crítica à tecnologia, mas uma reflexão sobre como ela nos afasta de nós mesmos, nos distanciando da nossa autenticidade. Que os jovens possam perceber essa força, tomar controle sobre ela e

lembrar que, por trás de cada tela, o verdadeiro valor está em quem somos, não no que parecemos ser.

No oitavo capítulo, focamos no papel da tecnologia, especialmente das redes sociais, em manter os jovens dentro da Matrix. A internet nos oferece conteúdos com base no que já consumimos, mas isso cria uma bolha que limita nosso pensamento e visão. Vou explicar isso de maneira prática.

Quando, por exemplo, eu decido começar a treinar no ginásio e pesquiso exercícios e suplementos, o algoritmo entende que é isso que quero ver e, a partir desse momento, ele me mostra mais do mesmo. Ou seja, ele bloqueia outras informações que poderiam expandir minha mente. É como estar numa sala com janelas cobertas: você só enxerga o que já conhece e perde a chance de ver o que está lá fora. Por isso, acabamos nos limitando ao que consumimos. Se buscamos política, a internet só nos dá mais política; se buscamos música, ela só nos traz mais música; e assim por diante. Isso acaba virando um ciclo vicioso que nos prende.

No contexto angolano, muitos jovens, em média, escolhem o TikTok para ver vídeos curtos de cenas engraçadas, fofocas, vida de famosos e influencers. Isso gera uma participação em coisas que muitas vezes não trazem nenhum crescimento real, só entretenimento. Esse

comportamento reforça a Matrix, pois nos mantém distraídos e alheios a conteúdos que poderiam contribuir para nosso desenvolvimento pessoal.

A internet é uma ferramenta poderosa, mas, se usada apenas para distração e diversão, acaba nos mantendo na mesma mentalidade. Em vez de buscar conhecimento e evolução, estamos apenas ocupando o tempo com coisas superficiais. Por outro lado, para quem usa a internet de forma consciente e busca aprender, ela pode ser uma chave para quebrar essa Matrix. O que consumimos define, em grande parte, quem somos. Nossa mente é moldada pelo que absorvemos, e isso reflete nos nossos objetivos, amizades, escolhas de vida e até nos nossos valores.

Portanto, o desafio é sair dessa rotina automática. Precisamos questionar: *Estamos consumindo o que realmente nos faz crescer ou apenas seguindo a multidão?* Porque, quando buscamos o conhecimento de forma ativa, expandimos nossa visão, criamos novas possibilidades e começamos a quebrar a Matrix mental que nos limita. Afinal, a qualidade do nosso pensamento se reflete diretamente na qualidade da nossa vida.

O ponto central que quero destacar aqui é que precisamos usar a internet de forma consciente e estratégica, para que ela se torne uma aliada em nossa

caminhada para sair da Matrix. A internet pode nos fortalecer, nos fornecer ferramentas e abrir caminhos, mas isso só acontece se tivermos um propósito claro e soubermos como utilizá-la de forma produtiva.

Na média, os jovens angolanos são consumidores passivos de conteúdos. Vivem conectados, mas de forma superficial. Passam horas rolando a tela, assistindo a vídeos curtos, entretendo-se com fofocas ou seguindo influenciadores, mas, ao fim do dia, não se questionam sobre o que realmente ganharam com tudo isso. E o que isso gera? Um ciclo repetitivo onde o consumo de informação vazia se torna um padrão, criando uma dependência por distrações e afastando os jovens de seus próprios objetivos.

Quem quer romper com a Matrix precisa entender que ser um mero consumidor de conteúdos não agrega em nada para sua evolução. A internet tem poder, mas é uma ferramenta neutra: pode nos moldar, nos empurrar para comportamentos medíocres e nos fazer parte da massa, mas também pode ser um espaço para desenvolvermos nosso pensamento crítico, criarmos algo que reflita nossa visão e darmos voz às nossas ideias. Esse é o papel de quem vive fora da Matrix – usar a internet para crescer, aprender e deixar uma marca.

A mentalidade fora da Matrix envolve um posicionamento ativo. Quem já entende o jogo, quem consegue enxergar os padrões impostos, precisa usar a internet ao seu favor. E isso significa transformar-se de consumidor em produtor. É uma mudança que requer coragem e dedicação, mas é o caminho para não nos deixarmos levar pela maré de conformismo.

Produzir algo, seja um conteúdo, uma ideia, um projeto, é dar um passo em direção à autenticidade. Porque quando criamos, já estamos construindo um caminho próprio, estamos mostrando ao mundo uma parte de nós que não se conforma. E isso, por si só, já é uma atitude que vai contra a Matrix. O desafio, portanto, é começar a usar a internet para fazer acontecer. Fazer com que cada minuto gasto online sirva para alimentar nossas metas, nossos sonhos e nossa própria evolução.

Quem cria, quem compartilha conhecimento, quem inspira outros a pensar diferente, já está se destacando. Já está fora da média. E é essa atitude que vai nos tirar da Matrix.

Concluindo este capítulo, a internet é, de fato, uma das armas mais poderosas da Matrix. Ela equilibra e sustenta o sistema, controlando as opiniões, os desejos e até as emoções dos jovens. Cada clique, cada conteúdo consumido, nos mantém dentro de uma bolha de controle,

onde os algoritmos ditam o que vamos ver, como vamos pensar e, muitas vezes, até como vamos nos sentir.

O que precisamos entender é que a internet pode tanto nos limitar quanto nos libertar. A mentalidade que precisamos adotar é a de usar a internet ao nosso favor, como uma ferramenta para desenvolver nossa própria voz e construir nossos próprios caminhos. Isso significa não se deixar levar apenas pelo que é entregue a nós, mas buscar ativamente o que realmente acrescenta e nos torna mais autênticos e informados.

Quem está desperto sabe que a internet é um meio, não um fim. Ela não deve nos controlar, mas sim ser um recurso que aproveitamos para criar, aprender e evoluir.

MENTALIDADE DE INFERIORIDADE: SUPERANDO O MEDO DE NÃO TER

Vivemos em um mundo onde as posses materiais acabam definindo o valor de uma pessoa. A sociedade, a tal "coreografia da Matrix", nos faz acreditar que para ser respeitado ou conquistar algo na vida é preciso ter dinheiro e posses. Isso limita nossos sonhos e nossa ambição, porque muitos de nós, jovens, somos levados a pensar que, se não temos riquezas agora, nossos objetivos devem ser menores ou simplesmente deixados de lado. Essa mentalidade de inferioridade é uma construção social que

foi criada para manter muitos de nós presos, conformados, aceitando o mínimo.

Mas precisamos entender que o verdadeiro valor de alguém vai muito além do que ele possui. Deus nos fez com um propósito muito maior. Ele nos deu a missão de governar sobre todas as coisas, mas governar não significa acumular bens ou dinheiro. Governar significa exercer poder sobre nossa vida, nossos pensamentos, nossos sonhos. Isso nos foi dado desde o começo e não depende de riquezas externas. A Matrix nos empurra a pensar que só podemos lutar pelos nossos sonhos se tivermos dinheiro, como se a capacidade de sonhar e realizar estivesse amarrada às nossas condições financeiras. Mas essa é uma armadilha. O que precisamos é de visão e coragem.

Para muitos, esse pensamento de que só podemos lutar por algo quando temos segurança financeira já mata o sonho antes mesmo de ele começar. Essa insegurança nos faz desistir de projetos e paixões, porque pensamos que não temos o necessário. Mas a verdade é que, se Deus nos dá a visão, Ele também nos dará a provisão. E não estamos falando apenas de dinheiro, mas de recursos, de pessoas, de oportunidades que surgem pelo caminho.

A questão é começar, mesmo que sem saber exatamente o "como". No meu próprio exemplo, lancei meu primeiro livro sem saber como todo o processo de

publicação funcionava. Simplesmente dei o primeiro passo. E, ao longo do caminho, aprendi o que era necessário para melhorar, me aprimorar e, pouco a pouco, ir ganhando confiança. Hoje, esse processo se tornou algo natural, e se eu tivesse esperado ter tudo garantido e planejado, talvez nunca tivesse dado o primeiro passo.

Esse capítulo busca também reforçar que nossa autoestima e confiança devem se basear em algo que ninguém pode tirar de nós: nossa força interior e nosso potencial para realizar. Não precisamos de validação externa, de aprovação, nem de uma conta bancária cheia para sermos capazes de fazer grandes coisas. Precisamos apenas de fé e ação.

Então, vamos desconstruir essa mentalidade de inferioridade que nos é imposta. Vamos valorizar o que somos e o que carregamos dentro de nós, e não apenas o que temos. Porque é o que temos na mente e no coração que realmente nos faz grandes.

Dando continuidade a este capítulo, quero destacar que o nosso maior inimigo não está fora, mas dentro de nós mesmos, na forma como pensamos. A mentalidade de inferioridade, essa crença de que somos menos capazes ou merecedores, é algo que só existe porque a deixamos crescer em nossa cabeça. Ela não faz parte da nossa natureza, mas é construída pelo ambiente, pelo que

ouvimos e vemos, pelo que nos fazem acreditar desde pequenos. No entanto, na visão de Gênesis, nosso Criador nunca estabeleceu que um homem fosse inferior a outro; pelo contrário, Ele nos fez à Sua imagem, com a capacidade de sonhar, de realizar e de transformar.

Essa sensação de inferioridade só ganha força porque permitimos que ela se instale, porque achamos que estamos em desvantagem, que estamos "por baixo" em comparação com outros. Mas a verdadeira competição não é contra o próximo; é um processo de superação individual, de evolução contínua. Como já discuti em *O Homem Nasceu para Competir*, a verdadeira competição é uma busca por sermos melhores do que éramos ontem, por vencer nossas próprias limitações, nossos medos e inseguranças.

A cada passo, estamos sendo desafiados a dismantelar essa mentalidade que nos paralisa, que nos impede de enxergar nossa verdadeira capacidade. Arrancar essa visão limitada de dentro de nós é a chave para que possamos, de fato, enxergar nosso potencial, perceber que o único obstáculo real entre nós e nossos sonhos somos nós mesmos. Essa mudança de mentalidade é um ato de coragem, um processo diário de afirmar nosso valor e de agir de acordo com a verdade de

que ninguém é inferior a ninguém, nem em valor, nem em propósito.

Seguir em frente com esse capítulo é lembrar que o sentimento de inferioridade cria barreiras internas que nos paralisam, impedindo-nos de nos desafiar, de crescer, de romper os limites e avançar com propósito. Sentir-se inferior aos outros, além de limitar nosso progresso, nos prende em uma sensação de fracasso e inutilidade que mina nossa autoestima e afasta nossos sonhos.

E se o sol se sentisse inferior por causa das opiniões humanas? Ele deixaria de brilhar para a Terra só porque alguém achasse que ele é menor ou insignificante? Claro que não. O sol brilha porque sabe o que é: uma fonte de luz e calor, que existe para iluminar e aquecer, independentemente das opiniões de quem o observa. Desde sempre, ele é luz, e, mesmo que tentássemos questionar seu valor, o sol continuaria a brilhar, sem hesitação.

Assim também é conosco. Quando compreendemos nosso valor e construímos resultados sólidos, nossas ações falam por nós. Mesmo que surjam opiniões contrárias, são os resultados que mostram nosso verdadeiro impacto. Quebrar o espírito de inferioridade é assumir nossa capacidade de brilhar à nossa maneira,

confiando no que somos e no que podemos alcançar, independentemente do que pensemos.

Concluindo este capítulo, é fundamental lembrar que o verdadeiro valor de uma pessoa não está no que ela possui materialmente, mas no que ela carrega em sua mente e em seu coração. Um homem é medido pelo conhecimento que possui, pelo que busca aprender e pela capacidade de reconhecer seu próprio valor. Quando entendemos nosso potencial e nossa essência, sabemos que ninguém pode estabelecer um preço sobre nós. Somos nós que decidimos o nosso valor, e é isso que define o caminho que traçamos.

Inferioridade, no fim, é uma resistência mental que nos limita. O maior desafio é sempre interno — precisamos resolver o que há em nós antes de percebermos nosso valor e propósito. Ao vencermos essa batalha com a mentalidade, estamos preparados para realizar o que realmente importa.

E como está escrito em Provérbios 23:7: "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é."

O PODER DA AUTENTICIDADE: RESISTINDO À PRESSÃO DE SER COMO OS OUTROS

Neste décimo capítulo, vamos aprofundar no conceito de autenticidade como uma força poderosa de resistência contra as pressões da Matrix. Ser autêntico é uma maneira de se libertar das expectativas e padrões que nos são impostos. Num cenário em que a maioria das pessoas sente a necessidade de se adaptar para ser aceita, a autenticidade surge como um ato de coragem, um movimento contrário ao fluxo que nos empurra para sermos iguais aos outros. E, no fim, quem escolhe viver de forma genuína abre caminho para a sua própria verdade, influenciando aqueles ao seu redor de maneira significativa.

Viver de acordo com quem realmente somos, com nossos valores e sonhos, fortalece nossa identidade e nos torna agentes de mudança em qualquer ambiente. Quando nos apegamos ao que realmente acreditamos e aos nossos propósitos, deixamos de ser "massa" e nos tornamos líderes de nós mesmos. E isso cria um impacto que vai além de nós, pois a autenticidade é inspiradora e contagiante. As pessoas naturalmente respeitam e se sentem atraídas por aqueles que têm a coragem de serem fiéis a si mesmos, pois percebem neles algo que não encontrariam em ninguém mais. Essa originalidade é um

diferencial imenso, que poucos conseguem conquistar em meio a um mar de padrões e comportamentos repetidos.

Atualmente, muitos preferem se diminuir ou "encaixar-se" em grupos, tentando adotar um pensamento único, um molde social que só contribui para uma sociedade de cópias. Nesse movimento, perdem-se as individualidades e a diversidade de pensamento, elementos essenciais para uma sociedade verdadeiramente rica e inovadora. O ideal seria que cada pessoa pudesse manter-se igual em essência, mas com um pensamento e uma visão do mundo únicos, contribuindo para uma realidade onde a diversidade de ideias e a autenticidade são o verdadeiro valor.

Além disso, viver de forma autêntica é construir a nossa própria "pirâmide". Quando escolhemos o nosso próprio caminho e nos diferenciamos pelo que realmente somos, tornamo-nos influenciadores para aqueles que buscam o mesmo. Esse tipo de influência é poderosa, pois inspira outras pessoas a buscarem sua verdade e seu próprio caminho, criando um ciclo que valoriza a autenticidade em vez de uma repetição mecânica e vazia. E, quanto mais indivíduos decidirem viver assim, maior será a diversidade que teremos, e o mundo será menos uma Matrix homogênea e mais um espaço de realidades e sonhos autênticos.

Em suma, a autenticidade é uma verdadeira resistência, uma forma de dizer que não seremos dominados pelos moldes e expectativas que a Matrix nos impõe. Devemos lembrar que cada um de nós tem uma essência única e um propósito que não pode ser substituído ou replicado. Ao escolhermos ser nós mesmos, não só nos libertamos, mas também nos tornamos referência para aqueles que ainda estão presos às expectativas de uma sociedade que valoriza a uniformidade em vez da individualidade.

Continuando neste capítulo, vamos aprofundar o significado de autenticidade como um pilar fundamental para vencer a Matrix. Ser autêntico não é apenas uma escolha; é uma afirmação da nossa singularidade. Quando escolhemos viver com autenticidade, estamos escolhendo mostrar ao mundo a nossa verdadeira identidade, sem máscaras ou disfarces. É como a nossa própria marca digital, algo que ninguém pode copiar ou replicar. A autenticidade é, de fato, a nossa "impressão digital" no mundo — algo que nos diferencia e destaca, mesmo em meio a uma multidão que, muitas vezes, caminha na mesma direção.

A sociedade constantemente nos apresenta uma lista de padrões e expectativas, sugerindo como devemos pensar, nos comportar e até sonhar. A maioria, sem

perceber, acaba seguindo esses roteiros sem questionar, assumindo ideias e visões que nem sempre refletem sua verdadeira essência. E aí que entra o poder da autenticidade. Ser autêntico é se recusar a aceitar o comum, é questionar as ideias que nos são impostas e, principalmente, não temer ser diferente. Quando escolhemos ser autênticos e viver de acordo com nossas próprias convicções, estamos, na verdade, quebrando o padrão da Matrix, resistindo ao que é imposto e mostrando que é possível trilhar um caminho próprio.

A originalidade é o que sustenta a nossa verdadeira identidade. Ela é como uma âncora que nos mantém firmes, especialmente em tempos de desafios e incertezas. Ser autêntico não significa que não enfrentaremos dificuldades; pelo contrário, o caminho da autenticidade exige coragem e determinação, pois nem sempre será aceito pelos outros. Mas, ao manter a nossa essência, estamos nos fortalecendo internamente, desenvolvendo uma resiliência que só quem vive de forma genuína consegue alcançar. A originalidade não é negociável; ela é o que dá sentido e direção à nossa jornada, guiando-nos para onde realmente queremos estar.

Quem vive com autenticidade sabe que não precisa provar seu valor para os outros. O valor de uma pessoa

autêntica está em sua própria certeza interna, na confiança de que ela está no caminho certo, mesmo que esse caminho seja diferente dos demais. Quando nos conhecemos e valorizamos nossa essência, a necessidade de aprovação externa perde força. Não precisamos nos diminuir ou ajustar para sermos aceitos; sabemos que nosso valor não depende da opinião dos outros, mas sim do nosso compromisso com quem realmente somos.

Esse é o poder da autenticidade: ela nos permite viver de maneira plena, sem amarras e sem medo de sermos julgados. E, ao nos libertarmos dessa necessidade de aceitação, abrimos espaço para criar uma vida que reflete nossos sonhos e ideais. Vivemos para nós mesmos, não para agradar ou seguir as expectativas da sociedade. A autenticidade é uma revolução interna, uma decisão de viver fora da Matrix, onde o que nos define é a nossa verdade, e não o que o mundo nos impõe.

Para resistir à pressão de ser como os outros, é preciso lembrar que ser autêntico é uma força que gera respeito e admiração. Pessoas autênticas inspiram aqueles ao seu redor, porque mostram que é possível ser verdadeiro e, ao mesmo tempo, bem-sucedido. A autenticidade atrai resultados porque, ao viver de forma genuína, criamos um caminho único, diferente de

qualquer outro. Essa é a nossa verdadeira força na luta contra a Matrix: ser quem realmente somos, sem medo de sermos diferentes.

Concluindo este capítulo, ser autêntico é manter-se verdadeiro à sua essência, sem se deixar moldar pela pressão ao redor. A autenticidade não se altera conforme o ambiente muda — o autêntico continua sendo o que é, no calor das aprovações ou no frio das rejeições, nos momentos de calma ou nas turbulências. O que é original não perde sua originalidade, porque é fiel a si mesmo.

Ser autêntico não é inventar modos ou buscar maneiras de parecer diferente dos outros. Autenticidade é aquilo que nasce dentro de nós, que vem da nossa forma de pensar, agir e estar no mundo. É o diferencial que carregamos, uma essência única, que não pode ser copiada nem comprada. Nossa autenticidade é como a nossa própria alma, algo que só nós temos.

A autenticidade verdadeira não precisa ser aprovada pelos outros, pois ela fala por si. Num mundo onde todos tentam ser iguais, ser autêntico é ter coragem de ser único, e isso vem da nossa visão de vida, do nosso propósito, daquilo que acreditamos ser o certo.

Então, vamos ser autênticos, num mundo onde a maioria escolhe a mesmice. Deixo aqui uma frase de Friedrich Nietzsche que resume bem: "Torna-te quem tu és."

POLÍTICA E CAPITALISMO — O PODER POR TRÁS DO CONTROLE

O capitalismo é um sistema econômico em que o foco principal é o lucro e a propriedade privada. Neste sistema, cada pessoa é incentivada a competir, a sempre buscar mais: mais dinheiro, mais status, mais bens. Mas, na prática, essa busca sem fim nos prende em um ciclo constante de trabalho e consumo, e isso acaba criando uma falsa sensação de liberdade. Nos fazem acreditar que somos livres, mas, na realidade, essa liberdade é limitada, porque estamos sempre buscando algo mais para nos sentirmos completos, como se isso fosse a única solução para felicidade e sucesso.

Quando falamos de política, pensamos em um sistema que deveria representar o povo, proteger nossos direitos, organizar a sociedade de forma justa. Mas, muitas vezes, a política se transforma em um meio de controle. Em vez de realmente representar nossos interesses, ela é usada para decidir por nós, ditando o que é “melhor” para todos, mas beneficiando apenas alguns. Assim, nossas

escolhas, nossas opiniões e até nossos valores acabam sendo moldados de acordo com os interesses dessa pequena elite, que controla as decisões.

Muita gente tenta ignorar o impacto que o capitalismo e a política têm em suas vidas, como se isso fosse algo distante. Mas essa ideia é uma ilusão. Mesmo que tentemos ignorar, essas forças nos afetam o tempo todo, em cada aspecto da nossa vida. Elas estão presentes no preço da comida que compramos, no custo do transporte que usamos, nos impostos que pagamos, no salário que recebemos. Mesmo que fechemos os olhos, a política e o capitalismo entram na nossa vida, na nossa casa, e até no nosso prato de comida. Eles moldam o nosso cotidiano e definem realidades que muitas vezes não escolhemos.

O capitalismo nos faz acreditar que seremos mais felizes e realizados se tivermos mais coisas: mais dinheiro, mais bens, mais sucesso. Mas essa é uma ilusão de liberdade, porque quanto mais buscamos acumular, mais nos prendemos. O sistema nos convence de que, para sermos valorizados, precisamos consumir mais e competir constantemente com os outros. Mas essa competição não é pelo nosso próprio crescimento ou para sermos melhores pessoas. Em vez disso, é uma competição voltada para superar os outros, para acumular mais e mais, nos colocando uns contra os outros e

desviando nosso foco de um verdadeiro desenvolvimento pessoal.

Muitos acabam medindo o próprio valor pelo que possuem, não pelo que são de verdade. Esse sistema de consumo limita nosso potencial, mantendo-nos focados em coisas superficiais, enquanto deixamos de lado o que realmente importa: o nosso crescimento interior e o nosso próprio bem-estar.

Para entender verdadeiramente como esse sistema funciona e como ele nos controla, precisamos observar tudo de perto, com olhos atentos. É como encarar um abismo e ver sua profundidade. Quando começamos a perceber o sistema em sua verdadeira forma, notamos que a Matrix, esse sistema de controle invisível, nos envolve de forma que não enxergamos logo de início. Ela nos convence de que esta é a única realidade possível. Mas, ao olhar além dessa ilusão, conseguimos perceber que há mais escolhas, mais possibilidades do que as que nos são apresentadas. Ao entender o capitalismo e a política, entendemos que estamos em um jogo. Só ao conhecer as regras desse jogo é que conseguimos jogar com consciência e tomar nossas próprias decisões, ao invés de deixar que as decisões sejam feitas por nós.

Conhecer o sistema é o primeiro passo para não sermos manipulados por ele, para que ele não decida o que devemos querer ou quem devemos ser. Assim,

No mundo capitalista, cada um de nós tem um papel: ou somos produtores, ou somos simples consumidores. A grande questão é: o que queremos ser neste sistema? Claro, se queremos realmente ter controle sobre nossas vidas, temos que ser produtores. Quanto mais produzimos, mais poder temos sobre nosso consumo. Mas aqui não se trata de consumir desenfreadamente, nem de produzir apenas para acumular. O segredo é o equilíbrio. Esse é o ritmo do capitalismo: produzir e consumir, mas sem perder o controle.

Se queremos entender o sistema capitalista e jogar o jogo de forma inteligente, precisamos observar quem está no topo. Os verdadeiros "cabeças" deste sistema são os grandes produtores, aqueles que criam, desenvolvem e oferecem valor. Esses são os que têm o poder, que controlam as direções da economia e que ditam as tendências. Se quisermos ter uma posição de protagonismo, temos que entender como esse sistema funciona e encontrar maneiras de produzir estrategicamente. Pensar fora da caixa é o diferencial que nos permite navegar pela Matrix sem sermos apenas mais um no meio dela.

Em Angola, é fácil ver como essa mentalidade afeta nossas vidas. Aquele que tem mais bens, mais dinheiro, mais sucesso, geralmente é visto como o mais feliz, o mais realizado. Esse ideal, porém, é enganoso. A busca constante por "mais" pode acabar nos afastando do que realmente importa. É uma corrida sem fim que nos cega para o que está ao nosso redor. Nos tornamos rígidos, competitivos ao extremo, e, muitas vezes, deixamos para trás valores essenciais, como o respeito e o cuidado com o próximo.

A pressão do capitalismo também causa impactos profundos em nossa estrutura familiar. Muitos pais, focados em sustentar suas famílias, acabam se afastando emocionalmente. Tornam-se ausentes, pois o sistema exige que trabalhem sem parar para garantir uma vida "melhor". No final, é a presença deles que se perde, e as crianças crescem sem o apoio, sem o exemplo próximo de um pai. Esse é um dos efeitos mais silenciosos e dolorosos de um sistema que valoriza o ter acima do ser.

E a política, dentro desse sistema, acaba sendo uma ferramenta poderosa de controle. Ela molda nossas decisões, limita as nossas opções e nos direciona, sem que percebamos, para trilhos já definidos. Ela nos controla, não apenas pelas leis e regras, mas pela maneira

como organiza a sociedade para atender aos interesses de poucos.

Portanto, temos que entender o sistema capitalista e a política como forças que influenciam intensamente nossa vida. Se soubermos reconhecê-las e observar como elas nos afetam, poderemos resistir ao controle e encontrar nossa própria direção. O objetivo não é lutar contra o sistema cegamente, mas usá-lo de forma estratégica, sem deixar que ele nos tire o que é mais importante.

FÉ E RELIGIÃO — ENTRE A LIBERDADE E O CONTROLE

A fé e a religião têm uma força inegável. Elas guiam, transformam, oferecem esperança e sentido de propósito. Eu sou uma dessas pessoas que cresceu em um lar cristão, e hoje sinto que a base que tive dentro da minha família foi sólida e me mantém até hoje. Esses valores foram o suficiente para me impedir de me perder por vários caminhos. Mas, ao mesmo tempo, não podemos ignorar como, ao longo da história, as instituições religiosas foram usadas como ferramentas de controle, moldando profundamente o modo como as pessoas pensam, agem e enxergam o mundo.

Esse uso da religião pelo sistema é visível desde tempos antigos. Na época do monopólio do tráfico de escravos, por exemplo, a religião foi manipulada para moldar mentalidades, para convencer povos inteiros a aceitarem uma condição imposta, mudando sua percepção sobre o mundo e sobre si mesmos. Vimos como missionários que vieram para a África influenciaram e deixaram um legado que, de certa forma, tirou a autenticidade e autonomia de muitos, transformando a fé em um instrumento de obediência cega e submissão.

No entanto, ser cristão — ou qualquer outra coisa que envolva fé — não deve ser aceitar tudo sem questionar. A verdadeira fé convida ao entendimento. Ela pede que busquemos um relacionamento autêntico, profundo e verdadeiro com Deus, sem intermediários que desviem esse caminho. Esse tipo de fé genuína nos inspira a crescer e nos liberta de amarras que tentam nos limitar. É uma conexão direta que transforma a religião em algo que realmente nos eleva e não nos aprisiona.

Na história, a religião foi, de fato, usada como massa de manobra, controlando e direcionando as mentes de milhares. Mas, ao mesmo tempo, ela tem sido uma ferramenta poderosa para a construção de sociedades, a transformação de vidas e a libertação de pessoas e famílias. Ela tem o potencial de ser uma luz, de ajudar a

resgatar jovens e inspirar famílias, orientando-as para um bem maior. Contudo, é essencial que cada um busque sua relação direta com o divino, e não se perca em doutrinas que desviam do real propósito da fé.

Na nossa sociedade atual, vemos como a religião, em vez de ser uma ligação pura com Deus, acaba se transformando numa coreografia da Matrix. São tantas vertentes, tantas doutrinas e profetas que surgem, que muitas vezes as pessoas acabam colocando sua fé mais nos homens do que em Deus. Passam a seguir líderes e “profetas” que parecem ser os guias para qualquer decisão, e deixam de lado a verdadeira fé no Deus vivo, Criador e Salvador.

As pessoas colocaram tanta confiança nesses homens que seus olhos se cobriram de ignorância, aceitando tudo o que lhes é imposto pela religião sem questionar. Isso resulta em um enorme número de religiões com doutrinas e costumes completamente distantes daquilo que é a palavra de Deus. Apesar disso, essas religiões continuam acumulando uma grande quantidade de seguidores. Esse fenômeno é uma grande prova de como a religião ainda serve ao sistema como uma forma de controle, e como é necessário termos discernimento para buscar uma fé verdadeira.

Lembro das palavras de Jesus em Mateus 7:15-16: “Acautelai-vos dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis.”

A religião, sem dúvida, tem um papel de equilíbrio na sociedade. Ela molda o caráter, forma bons jovens, inspira valores. A influência de uma fé autêntica é enorme e realmente importante para o crescimento da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, vemos como essa mesma religião é manipulada, transformada na coreografia da Matrix por aqueles que se aproveitam da fé alheia. Eles usam a crença das pessoas no Altíssimo para tirar proveito, manipulando e controlando em benefício próprio.

Buscar a Deus é essencial. Ir à igreja é importante, e eu mesmo, com todas as atividades e responsabilidades que tenho, reservo o domingo para estar na igreja. Independente da tua religião, seja ela no sábado, no domingo, na segunda ou em qualquer outro dia, o que importa é buscar o Deus Altíssimo, aquele que nos guarda e preenche nossos corações. Deus é bom.

Para aqueles que não acreditam em Deus, que não acreditam na salvação ou no divino — aqueles que são ateus —, proponho uma reflexão. E se Deus existe, e tu não acreditas nele? O que é que perdes? Tudo. Perdes tudo. Mas, se Deus existe e eu creio nele, o que é que perco na

minha vida? Nada. Absolutamente nada. Pelo contrário, a fé só me fortalece, me direciona e me motiva a ser uma pessoa melhor.

Agora, se todos os dias eu me esforço para ser um jovem melhor, alguém que contribui para a sociedade, que se santifica e busca viver em harmonia com esses valores, o que é que vou perder? Nada. Só tenho a ganhar, pois a fé se torna uma bússola para um crescimento verdadeiro. E, se Deus existe e tu escolhes não acreditar, então, sim, perdes tudo.

A presença de Deus é algo profundo e real, e mesmo a ciência, com toda sua evolução, não consegue explicar o divino. Da biologia à física, do crente ao ateu, ninguém explica a Deus. Ele está além de qualquer compreensão humana. E talvez seja essa beleza da fé: ela nos faz enxergar o mundo com uma visão que vai além da lógica, com uma esperança que não depende das circunstâncias.

Para concluir este capítulo sobre fé e religião, que explora a relação entre liberdade e controle, podemos usar o versículo de Hebreus 11:1:

"A fé é a certeza de que as coisas que esperamos acontecerão; é a prova das coisas que não vemos."

Este versículo nos lembra que a fé é um alicerce poderoso em nossas vidas. Ela nos guia e nos oferece esperança, mesmo em tempos de incerteza. Assim como discutimos ao longo deste capítulo, a verdadeira fé deve nos libertar e nos elevar, ajudando-nos a encontrar nosso propósito e a viver de acordo com nossos valores, longe das manipulações e dos controles que podem surgir nas instituições religiosas. Que essa reflexão nos inspire a cultivar uma relação autêntica com nossa fé e a buscar sempre a verdade que nos liberta.

NINGUÉM SE IMPORTA COM O QUE VOCÊ FAZ, USE ISSO AO SEU FAVOR

Quantas vezes deixamos de agir porque acreditamos que todas as pessoas ao nosso redor estão a observar os nossos movimentos? É fácil cair na armadilha de pensar que somos o centro das atenções, como se cada passo que damos fosse analisado e julgado por quem está à nossa volta. Mas aqui vai uma verdade simples e libertadora: ninguém se importa tanto com o que fazemos quanto imaginamos.

A realidade é que cada pessoa está tão preocupada com os próprios problemas, desafios e rotinas que raramente tem tempo ou disposição para se focar nas ações dos outros. Pode parecer cruel, mas, na verdade, é

libertador. Se cometemos um erro ou passamos por uma situação embaraçosa, por mais que nos sintamos envergonhados, a maioria das pessoas vai esquecer disso em questão de minutos. Não porque sejamos insignificantes, mas porque elas também estão ocupadas a lidar com as suas próprias vidas.

O problema é que criamos na nossa mente uma ilusão de protagonismo, acreditando que o mundo inteiro está a observar cada detalhe das nossas escolhas. Esse pensamento leva-nos ao medo do julgamento, que paralisa as nossas ações e impede-nos de correr riscos necessários. Não agimos, não falamos, não ousamos, tudo para evitar o julgamento que imaginamos ser inevitável. Mas a verdade é que esse julgamento raramente acontece, e mesmo quando acontece, ele nunca tem o impacto que acreditamos que terá.

A grande questão é: se ninguém se importa tanto quanto pensamos, por que nos importamos tanto? Por que carregamos o peso das expectativas dos outros como se fossemos mais importantes do que os nossos próprios desejos e objetivos? Viver de acordo com o que os outros esperam de nós é uma prisão silenciosa, uma armadilha criada pela Matrix para nos manter na mediocridade, seguindo padrões que não escolhemos verdadeiramente.

É preciso perceber que o mundo não gira à nossa volta. E isso é uma bênção. Porque, ao libertarmos-nos dessa ilusão, ganhamos a liberdade de errar, de aprender, de recomeçar. Quando aceitamos que ninguém está a olhar tanto quanto imaginamos, podemos focar-nos no que realmente importa: fazer o que nos move, o que nos realiza, o que nos faz sentir vivos.

Então, se ninguém se importa com o que fazes, usa isso ao teu favor. Deixa de lado o medo de falhar ou de ser julgado. Vive de forma autêntica, ousa ser diferente, experimenta, aprende, transforma-te. Afinal, o maior julgamento que importa é o teu próprio. E, no fim, o único arrependimento real é o de não teres tentado.

No final das contas, as pessoas que parecem se importar tanto com a vida dos outros geralmente são aquelas que esqueceram de cuidar da sua própria. É curioso perceber como o julgamento alheio, na maioria das vezes, não reflete algo sobre nós, mas sim sobre as inseguranças de quem julga. Quando alguém se sente ameaçado por uma atitude fora do comum, é porque, de alguma forma, aquilo expôs o conformismo e a acomodação dessa pessoa. A tua coragem em fazer algo diferente, em desafiar a norma, torna-se um espelho que reflete o que ela não teve a ousadia de ser ou fazer.

É por isso que essas mesmas pessoas tentam desencorajar-te, seja com palavras de crítica ou olhares de reprovação. O objetivo delas não é apenas julgar-te, mas fazer-te desistir, para que tu não mostres que é possível sair do padrão imposto. O sistema — a Matrix — quer manter tudo e todos alinhados, e aqueles que ousam desviar do caminho são imediatamente vistos como ameaças. Por isso, se deixares de fazer algo importante para ti, simplesmente por medo de ser julgado, estás a cair exatamente na armadilha do sistema. Tornas-te uma vítima, controlado pela opinião dos outros.

É essencial mudares essa mentalidade, porque ninguém pode viver a tua vida por ti. Até nas coisas mais simples, como o vestuário, não podemos dar poder às opiniões externas. Segundo Charlie Chaplin, "se depender das pessoas, tu não serves nem para ser tu mesmo." E isso é uma verdade profunda. Não devemos moldar a nossa essência para agradar aos outros ou nos proteger de críticas.

Esta reflexão não é apenas um conselho. É uma carta que escrevo para mim mesmo, Pedro Kiatekwa, como um lembrete de que devo viver com autenticidade, todos os dias, sem deixar que os julgamentos alheios definam o meu caminho. Que esta mensagem fique gravada na minha mente e na minha alma.

E se, ao leres estas palavras, sentires que elas fazem eco na tua vida, então isso é para nós. Que juntos possamos desafiar a Matrix, viver de maneira esplêndida e encontrar a liberdade que vem de sermos, sem medo, quem realmente somos.

Concluindo este capítulo, quero partilhar contigo, leitor, uma das maiores lições que aprendi no meu percurso como escritor. O meu maior elogio, até hoje, não veio de palavras doces ou de alguém que apreciou diretamente o meu trabalho. Não foi alguém a dizer que adorou o meu livro, que se identificou com um ponto que abordei ou que o meu projeto mudou a sua perspectiva. Esses elogios são valiosos, sem dúvida, mas o maior de todos foi algo inesperado: um insulto.

Houve alguém que, ao ver o meu desenvolvimento, sentiu-se tão ameaçado que decidiu diminuir o meu esforço, dizendo: *"Esses livros que tu escreves são cypaste, são feitos por inteligência artificial."* No momento, eu poderia ter deixado aquelas palavras afetarem-me, mas optei por olhar de outra forma. Será que escrevi algo tão bom, tão bem elaborado, que a única explicação que a pessoa conseguiu encontrar foi pensar que eu não poderia ter feito aquilo sozinho?

Senti-me incrivelmente elogiado naquele instante. Percebi que, para essa pessoa, um jovem comum como eu

lançar um livro, fazer algo que desafiasse as expectativas, era algo que ela nem conseguia imaginar. A tentativa de me insultar transformou-se, para mim, numa validação de que estou a fazer algo impactante. Cumprimentei essa pessoa e disse: "*Muito obrigado.*" Afinal, aquele "insulto" revelou-me que cheguei a um nível que nem eu imaginava alcançar.

De todos os elogios que já recebi, este ficou gravado como o mais marcante. Não porque foi gentil ou agradável, mas porque me mostrou que o meu trabalho, o meu esforço e a minha coragem para ser diferente incomodaram o conformismo. E isso, caro leitor, é algo que desejo para ti também. Que, ao desafiar o sistema e a opinião dos outros, possas transformar julgamentos em força e perceber que, no fundo, estás a inspirar mais do que podes imaginar.

O PODER DO ALTER EGO — CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE DE FORÇA

Neste capítulo, falamos sobre o poder de criar uma identidade de força, um alter ego que nos ajuda a enfrentar os desafios e superar as barreiras que surgem em nossa jornada. Assim como Bruce Wayne se torna o Batman e Tony Stark transforma-se no Homem de Ferro, cada um de nós pode desenvolver um alter ego que represente a

coragem e a determinação que, às vezes, ficam escondidas por trás das nossas inseguranças.

Ter um alter ego significa despertar uma versão mais forte de nós mesmos, uma mentalidade capaz de acessar toda a confiança e resiliência que temos dentro de nós para enfrentar as situações difíceis. Esse alter ego não é algo falso ou inventado, mas uma parte real da nossa identidade, uma extensão do que realmente somos. Ele ajuda-nos a agir de maneira destemida, a assumir riscos e a romper os limites que, muitas vezes, criamos em nossas próprias mentes.

Imagina que és uma pessoa tímida, que sente medo de se expor ou de agir em certas situações. Talvez penses que não conseguirias romper essas barreiras, mas ao desenvolveres um alter ego, comesças a construir uma versão de ti mesmo que é capaz de enfrentar esses obstáculos. Esse alter ego torna-se uma ferramenta poderosa, permitindo-nos acessar uma nova força interior. Quando criamos essa nova identidade, estamos a nos preparar para sermos mais ousados, mais determinados e mais focados em alcançar os nossos objetivos.

Assim como Bruce Wayne não é o Batman o tempo todo, o alter ego é uma versão que podemos "ativar" quando precisamos ser mais corajosos. Ele permite-nos entrar em ação sem hesitação, ignorando as limitações

que normalmente nos seguram. Essa identidade alternativa pode ser o ponto de virada que nos permite superar os nossos próprios medos e encarar o mundo com uma postura mais confiante.

Este é o momento de nos libertarmos das limitações que a nossa própria mente impõe, de reverter a mentalidade que, muitas vezes, é moldada pela sociedade para nos encaixar em padrões e nos prender ao que é confortável. Desenvolver um alter ego é o nosso convite para ser mais, para ir além, para conquistar aquilo que desejamos, sem medo de julgamentos ou do fracasso.

A ousadia é a chave.

Desenvolver um alter ego é abrir uma nova dimensão dentro de nós mesmos, onde a força e a confiança se tornam automáticas. Esse alter ego é como uma chave que nos permite enfrentar o que antes parecia impossível, permitindo-nos agir sem as amarras do medo ou da insegurança. Com ele, podemos construir uma presença mais firme, que nos ajuda a manter o foco e a seguir em frente, mesmo quando as circunstâncias não são as mais favoráveis.

Imagine o que seria possível se deixássemos de lado as barreiras autoimpostas e ativássemos essa versão poderosa de nós mesmos sempre que precisássemos. É

um processo de transformação pessoal, onde substituímos a dúvida pela ação e a hesitação pela coragem. Ao criar esse alter ego, não estamos nos afastando de quem realmente somos; pelo contrário, estamos apenas desbloqueando o potencial que já existe em nós, mas que, muitas vezes, fica encoberto por crenças limitantes e por hábitos que já não nos servem.

Esse alter ego permite-nos desafiar os padrões estabelecidos, moldando uma nova trajetória para nossas vidas. Cada desafio deixa de ser um obstáculo insuperável e passa a ser uma oportunidade para testar e expandir a nossa força. Ao desenvolvermos essa identidade de força, abrimos espaço para uma mentalidade mais resiliente e criativa, que nos impulsiona a crescer e a encarar cada situação como uma possibilidade de aprendizado e evolução.

Quando assumimos essa postura, a opinião alheia começa a perder o poder de nos controlar. A influência externa já não nos define, pois construímos uma base sólida em nossa própria determinação. E é esse alter ego que nos permite manter o nosso propósito vivo, mesmo em meio às adversidades. Essa identidade não é um escudo para esconder quem somos, mas sim uma ferramenta para mostrar a nossa melhor versão, pronta para enfrentar o que vier.

Assim, criamos um equilíbrio entre quem somos e quem podemos ser, entre o que é seguro e o que é desafiador. O alter ego nos leva a lugares onde antes apenas sonhávamos, e cada passo nessa jornada fortalece a nossa convicção de que somos capazes de alcançar o que desejamos. Ele nos lembra de que não precisamos de permissão para ousar, apenas de vontade e coragem para seguir adiante.

Ao adotarmos um alter ego, abrimos um portal para um eu mais ousado, capaz de explorar o potencial adormecido dentro de nós. Esse processo é libertador, pois nos permite desafiar o que acreditávamos ser os nossos limites e a abraçar a ousadia que muitas vezes evitamos. Essa identidade de força não é uma máscara que usamos para esconder quem somos, mas uma expressão autêntica das nossas aspirações mais profundas, uma versão de nós mesmos que age com propósito e determinação.

À medida que avançamos com essa nova mentalidade, descobrimos que o alter ego não apenas nos permite enfrentar os desafios do mundo, mas também nos ajuda a lidar com as batalhas internas, com as dúvidas e os medos que, tantas vezes, nos impedem de ir além. Essa construção intencional de uma identidade forte faz com que cada obstáculo deixe de ser visto como um problema

e passe a ser uma oportunidade para demonstrar o poder do nosso verdadeiro potencial.

Com o alter ego, desenvolvemos a capacidade de encarar o fracasso como um passo necessário para o crescimento, aprendendo a tirar lições de cada queda e a seguir em frente com ainda mais força. E, assim, dia após dia, vamos cultivando uma postura que não teme a exposição, que não se intimida com o julgamento alheio e que, sobretudo, reconhece a importância de nos superarmos constantemente.

Quando compreendemos que essa identidade de força é uma extensão de nós mesmos, percebemos que o caminho para a autoconfiança está em abraçar nossas falhas e incertezas, transformando-as em alicerces para nossa jornada. Esse alter ego nos guia por uma trilha onde o nosso crescimento é mais importante do que a perfeição e onde o aprendizado é constante.

E, como bem refletiu Nietzsche: "Aquele que tem um porquê para viver pode suportar quase qualquer como." Ao encontrar nosso propósito e fortalecê-lo com um alter ego, temos a capacidade de enfrentar os desafios mais duros e de seguir em frente, moldando o destino com as nossas próprias mãos.

COMUNICAÇÃO, A CHAVE PARA CONECTAR E INFLUENCIAR PESSOAS

A comunicação é uma das ferramentas mais poderosas que temos à nossa disposição, especialmente num mundo onde a Matrix domina e muitas vezes silencia quem não domina essa arte. A forma como nos comunicamos molda nossa conexão com o mundo e define nosso impacto na sociedade. É o elemento básico para a convivência em comunidade. Quando aprendemos a nos comunicar de forma mais estratégica e profissional, abrimos portas que antes pareciam fechadas.

Hoje, é notável que aqueles que dominam a comunicação são, muitas vezes, os que mais se destacam. São eles que têm coragem de falar em público, de expressar suas opiniões e de enfrentar desafios para alcançar seus sonhos. A comunicação eficaz complementa essas qualidades, pois quem sabe se comunicar adquire o poder de se conectar verdadeiramente com os outros e de influenciar positivamente.

A oratória, por exemplo, é uma ferramenta poderosa, não apenas para persuadir, mas também para transmitir confiança. Quando sabemos usar bem as palavras, impactamos as pessoas ao nosso redor e as convidamos a

acreditar em nossa visão. Mas, para que essa comunicação seja autêntica, ela precisa vir de dentro, de nossa essência, de algo único e pessoal. Não estamos falando de adotar um sistema complexo de comunicação, mas de usar nossa própria autenticidade, combinada com técnicas eficazes de oratória, para fazer a diferença. A ideia é simples: usar o que temos de especial, somado à habilidade de se expressar bem. Afinal, quem começa hoje a melhorar sua comunicação, daqui a um ano verá o quanto valeu a pena esse investimento.

Mas, é importante reconhecer que a Matrix não quer que saibamos disso. Quem se comunica bem atrai pessoas e gera carisma, tornando-se uma ameaça para o sistema. Alguém carismático influencia, inspira, e isso representa um poder que a Matrix tenta, muitas vezes, reprimir. A Matrix prefere que as pessoas não saibam comunicar-se, pois assim, quem domina a comunicação passa a liderar e a se destacar, enquanto os outros permanecem na inércia.

Infelizmente, em Angola, muitos jovens ainda têm dificuldades com a comunicação. E quem não aprender a dominá-la, acabará dominado por aqueles que já entenderam a importância dessa ferramenta. A comunicação, seja ela verbal ou escrita, é uma arma poderosa. A escrita, em especial, permite que nossas

ideias alcancem grandes massas. É através dela que podemos passar nossas mensagens, nossos pensamentos e nossas verdades para o mundo. Eu, por exemplo, já estou a fazer isso, mas a pergunta que fica é: e você?

Se você quer se destacar e criar um impacto verdadeiro, precisa começar a ver a comunicação como uma das chaves mais essenciais para o sucesso. Essa habilidade não apenas conecta, mas também cria oportunidades. É uma ponte que liga quem somos ao que queremos realizar e conquistar.

A comunicação vai além das palavras. É a habilidade de transmitir ideias, inspirar mudanças e construir pontes com as pessoas. Quem domina essa arte não só entende o que dizer, mas sabe como e quando dizer. E, neste mundo controlado pela Matrix, onde se valoriza mais o conformismo do que a autenticidade, a comunicação se torna um meio de resistir, de se afirmar e de fazer a diferença.

A habilidade de comunicar bem é algo que precisa ser lapidado, como um diamante bruto. Não podemos nos contentar em usar essa capacidade de forma instintiva ou superficial. Precisamos aprimorar, entender as técnicas e explorar as melhores formas de nos expressar. Quando você aprende a comunicar suas ideias de maneira clara e

persuasiva, você se torna uma figura de influência, alguém que tem o poder de provocar mudanças e desafiar as narrativas impostas pelo sistema.

Comunicar bem exige coragem. É preciso ter a audácia de se expor, de apresentar suas ideias e de enfrentar o medo do julgamento alheio. E a coragem, quando combinada com uma comunicação eficaz, abre portas e aproxima oportunidades. Um jovem que sabe comunicar-se com confiança é alguém que inspira respeito e é visto como um líder natural. Ele não apenas fala, mas envolve, motiva e leva outros a enxergar o mundo por uma nova perspectiva.

Por isso, é essencial que os jovens angolanos e todos aqueles que desejam quebrar as barreiras da Matrix entendam o valor dessa habilidade. Quem não domina a comunicação está destinado a ser controlado por aqueles que sabem usá-la a seu favor. A comunicação é uma ferramenta estratégica que nos diferencia e nos ajuda a moldar o nosso próprio destino. Não se trata apenas de falar bem, mas de construir uma presença forte, de deixar uma marca e de fazer a nossa voz ser ouvida.

Seja na escrita ou na fala, a comunicação é o meio pelo qual deixamos nossa mensagem no mundo. E como mencionei, estou a fazer isso com a escrita, colocando no papel as ideias e as experiências que me trouxeram até

aqui. A comunicação escrita é uma forma de nos conectar com muitos, de espalhar ideias que impactam, mesmo sem estarmos presentes fisicamente. Escrever é uma maneira de eternizar o que pensamos, de compartilhar nossa visão e de inspirar outros a fazer o mesmo.

Para aqueles que ainda não começaram, o momento é agora. Invista no desenvolvimento dessa habilidade. Comece com pequenos passos: leia mais, aprenda sobre técnicas de oratória, pratique o autoconhecimento para entender o que você realmente quer transmitir. Aos poucos, você descobrirá que a comunicação é uma força poderosa, capaz de transformar vidas e criar novas realidades.

Lembre-se, a comunicação é uma chave que abre portas invisíveis. É através dela que encontramos o caminho para nos libertarmos das amarras da Matrix e nos tornarmos agentes de mudança.

Para concluir este capítulo, lembremos o ensinamento bíblico: *"O coração do sábio torna prudente a sua boca e aumenta o saber nos seus lábios"* (Provérbios 16:23). Comunicar-se bem é saber como e quando falar, transmitindo ideias com clareza e propósito. Afinal, a verdadeira sabedoria está em usar as palavras para construir pontes e fortalecer conexões, guiando-nos com discernimento em meio aos desafios.

SEJA UMA FALHA DO SISTEMA

Chegamos ao nosso último capítulo, onde falamos sobre ser uma falha do sistema — a ideia de ser uma pessoa emergente. Ser uma falha da Matrix ou do sistema significa ser alguém que, apesar das limitações impostas pelo capitalismo, pela política, ou qualquer outro sistema opressor, consegue criar suas próprias estratégias para crescer e prosperar. Este é um mundo onde tudo ao nosso redor — nossas influências, objetivos e perspectivas — é controlado. E mesmo assim, precisamos emergir. Esse é o chamado: para mim mesmo, em primeiro lugar, e para você, leitor.

Uma pessoa emergente é aquela que desafia o padrão, que ousa ir além do que é esperado, do que é imposto. Por que sempre as pessoas mais ousadas, que muitas vezes são guiadas por motivações egoístas, alcançam os lugares mais altos na sociedade? É porque elas não têm medo de lutar, mesmo que isso signifique pisar nos outros. Mas isso nos leva a refletir: se as pessoas boas também fossem mais ousadas, se tivessem a coragem de entrar nesses patamares, poderíamos ver uma mudança verdadeira. Então, a questão é: por que as pessoas boas ainda estão longe dos grandes sonhos? Imagine um sistema onde aqueles que ocupam posições de poder são movidos pela bondade e pela ética. Essa

mudança depende de nós, das nossas escolhas e da nossa determinação para sermos uma falha do sistema.

Como já foi dito, e coloco aqui para enfatizar: “Não temo o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.” Ser emergente, ser uma falha do sistema, é muito mais do que uma posição de revolta. É uma postura de coragem e responsabilidade, onde entendemos que, mesmo que não possamos destruir o sistema, podemos nos juntar a ele com uma nova mentalidade, uma nova abordagem. Isso não significa seguir o caminho dos opressores, mas sim criar novos caminhos para todos aqueles que vêm depois de nós. É entender que, às vezes, o maior inimigo não é o sistema externo, mas a mentalidade conformista e limitadora que carregamos.

O sistema nos domina, mas também somos parte dele; ele se nutre da nossa conformidade. Ser uma falha do sistema é ser autocrítico, questionador, criativo. É prosperar independente das circunstâncias externas e criar novas estratégias que inspirem e transformem. Imagine se todos os jovens adotassem essa mentalidade — se fôssemos realmente uma geração que se recusa a ser controlada, que se recusa a aceitar o mundo apenas como ele é. Esse é o caminho para vencer o sistema: não através da destruição, mas da construção de novas possibilidades.

Temos que focar na causa, e não nos efeitos do sistema. Plantar sementes boas, criar um ciclo de prosperidade e não perpetuar o lixo que tantos escolhem. Que nossa atitude seja emergir e transformar; que sejamos a falha que o sistema não consegue absorver ou controlar.

Nosso verdadeiro inimigo não é algo distante e inatingível. O nosso maior inimigo é a nossa própria mentalidade, porque a nossa mentalidade é o que sustenta e dá vida ao sistema. E o sistema — essa Matrix que controla o modo de pensar da sociedade — só existe e se mantém porque muitas pessoas carregam uma mentalidade mediana. Elas seguem o mesmo padrão, têm os mesmos medos, os mesmos objetivos limitados. São pessoas que, consciente ou inconscientemente, optaram por se acomodar, deixando de lado a possibilidade de serem diferentes, de inovarem, de explorarem suas capacidades ao máximo.

O sistema é como um bloco enorme feito de pequenas peças; cada peça representa uma pessoa que mantém a mesma forma de pensar, de agir, de viver. Então, se queremos ser uma falha desse sistema, o que precisamos fazer é começar pela nossa própria mente. A mudança começa com o que escolhemos pensar e em como escolhemos agir diante das dificuldades. A nossa mentalidade precisa se transformar, e isso não acontece

de uma hora para outra, mas sim com esforço, paciência e estratégia.

Ser uma falha do sistema significa desafiar essa mentalidade mediana. É entender que o sistema quer que continuemos a pensar como a maioria, que fiquemos presos a limitações e a medos infundados. Mas se queremos algo maior, precisamos buscar conhecimento novo, precisamos nos expor a outras experiências e não ter medo de sair da nossa zona de conforto. Temos que buscar oportunidades que nos desafiem e nos façam crescer.

Imagine se conseguíssemos eliminar essa mentalidade limitada. Como seríamos? Seríamos como páginas em branco, sem conteúdo, sem direção. Para deixarmos para trás uma forma de pensar ultrapassada e nos tornarmos uma falha do sistema, precisamos preencher essa “página em branco” com bons conteúdos, com ideias que expandam nossos horizontes. E isso é feito dia após dia, com pequenos passos, pequenas mudanças de hábito, com escolhas que vão moldando um novo caminho para nós.

Essa transformação não pode ser apressada. A pressa nos leva a cometer erros, a desistir rápido demais. Ser uma pessoa emergente é entender que a caminhada é longa e que o importante não é chegar rápido, mas sim ter a determinação de nunca desistir, de continuar,

independentemente dos obstáculos. Se queremos alcançar um novo patamar, temos que ter paciência e foco. E o mais importante é não perder de vista nossos sonhos e nossos valores. Continuar a avançar, mesmo que o progresso pareça lento, é o que realmente nos torna fortes e prontos para conquistar o que buscamos.

Ser uma falha do sistema, então, é entender que a verdadeira mudança vem de dentro. É desenvolver uma mentalidade que desafia, que questiona, que não aceita o que já está estabelecido só porque “sempre foi assim”. E ser essa falha é criar alternativas, é abrir caminhos para que outros também possam sair da Matrix, para que outros possam se libertar e enxergar que existe mais do que aquilo que nos dizem. É a nossa responsabilidade, para nós mesmos e para aqueles que virão, deixar uma marca, ser o exemplo de que é possível viver fora do sistema, fora da Matrix.

Para concluir este capítulo, é importante compreender que todo sacrifício gera um resultado. Não importa quem você seja, o esforço e a determinação são forças poderosas que trazem consequência. Imagine uma pessoa má, disposta a derrubar uma árvore que oferece sombra e abrigo para a comunidade. Se ela realmente focar toda a sua energia e persistência nessa tarefa, ela

conseguirá derrubar essa árvore, mesmo que sua intenção não seja nobre.

Da mesma forma, se você for uma pessoa boa, com o desejo de fazer a diferença e de realizar algo significativo, e estiver disposto a se sacrificar, a ousar e a persistir em busca de um objetivo maior, você também alcançará resultados. O ponto é: a ousadia, a determinação e o sacrifício não escolhem lados. Essas são forças neutras, que recompensam tanto os que buscam o bem quanto os que agem pelo mal.

Portanto, assim como aqueles que fazem o mal muitas vezes são ousados e determinados para atingir seus objetivos, nós, que buscamos o bem, precisamos adotar a mesma postura de coragem e determinação para alcançar os nossos sonhos. Ser ousado, persistente e dedicado é essencial para que nossas aspirações ganhem forma e para que possamos influenciar positivamente o mundo ao nosso redor. Afinal, se temos um propósito, uma missão que acreditamos ser boa, devemos investir nela com a mesma força e intensidade, sem temer as dificuldades, porque no final, o sacrifício sempre trará um resultado.

Convite à Ação

Jovem, este é o teu momento de despertar, de abrir os olhos e ver além do que te foi ensinado. É hora de desenvolver um olhar crítico e atento ao que nos cerca. Não podemos ser apenas mais um, conformados com a mediocridade imposta. Somos mais. Somos autênticos. Somos originais.

A sociedade, ou o que chamamos de "Matrix," quer nos manter no conforto do comum, do mediano. Ela nos oferece sonhos limitados, caminhos prontos, soluções fáceis. Mas será que é isso que queremos? Ser apenas mais uma peça no sistema? Ou será que buscamos mais – algo que de fato nos represente, que seja nosso de verdade?

Este livro é um chamado para que tu não te contentes com o que te foi dado. Vamos rejeitar a posição de vítimas do sistema. Em vez disso, sejamos falhas nessa Matrix, quebreemos o molde. Sejamos pessoas emergentes, ousadas, que olham para o mundo e desafiam as expectativas, que se recusam a seguir o fluxo sem propósito.

A ação começa agora. A mudança está ao teu alcance. O caminho pode ser difícil, mas é o único que nos leva ao que realmente nos pertence. A Matrix não pode nos

definir; seremos nós a definir o nosso destino. Esta é a tua chance de romper com a normalidade e construir uma nova realidade.

Este é o convite. E a escolha é tua. Serás apenas mais um... ou serás uma falha na Matrix?

APÊNDICE

1. **Redes Sociais e Impacto:** Dados sobre como o uso excessivo das redes pode afetar autoestima, saúde mental e padrões de consumo, reforçando a importância de um uso consciente.
2. **Conformismo Social:** Estudos sobre como a pressão do grupo influencia comportamentos e escolhas pessoais, levando ao ciclo do conformismo discutido no livro.
3. **Educação e Mercado de Trabalho em Angola:** Estatísticas que mostram a disparidade entre a formação educacional e o mercado de trabalho, destacando os desafios enfrentados pelos jovens angolanos.
4. **Leituras Recomendadas:** Obras como *1984* de George Orwell, *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord, e *Vigiar e Punir* de Michel Foucault são sugeridas para leitores que buscam aprofundamento nos temas de controle social e liberdade individual.

GLOSSÁRIO

- **Alter Ego:** Uma identidade alternativa de uma pessoa, usada para enfrentar desafios ou comportar-se de maneira distinta.
- **Capitalismo:** Sistema econômico baseado na propriedade privada e no livre mercado, onde as trocas e o valor das coisas são determinados pela oferta e pela procura.
- **Conformismo:** Tendência de ajustar-se às normas e comportamentos do grupo, muitas vezes abdicando da própria individualidade para pertencer a um coletivo.
- **Matrix:** Referência simbólica a um sistema de controle que impede as pessoas de verem a realidade como ela é, fazendo-as seguir padrões pré-estabelecidos. Popularizado pelo filme *The Matrix*, onde a “Matrix” é um mundo ilusório que esconde a verdade dos humanos.
- **Mecanismo de Controle:** Ferramentas ou sistemas, como educação e mídia, que orientam e moldam o comportamento de indivíduos e sociedades para manter o status quo.

- **Mentalidade de Escassez:** Crença de que nunca há o suficiente, o que leva a comportamentos de competição e medo de perder recursos.
- **Política de Controle:** Estrutura de poder em que as decisões políticas são manipuladas por uma elite, limitando a verdadeira escolha e liberdade dos cidadãos.
- **Programação Social:** Conjunto de valores, crenças e comportamentos impostos pela sociedade, influenciando a maneira como as pessoas percebem a realidade e tomam decisões.
- **Rede Social:** Plataforma digital que conecta pessoas, facilitando a comunicação e o compartilhamento de informações. Tem um papel significativo na formação de opiniões e comportamentos coletivos.
- **Sistema:** Estrutura ou conjunto de instituições que governa o comportamento social, econômico e político, moldando as expectativas e limitações de uma sociedade.



**LER, AGIR
E MUDAR!**

Pedro Kiatecua